

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

FLÁVIA FRANZINI DIP

SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA:
**O que tem sido dito sobre ela e seu impacto sobre o
entendimento de protagonismo infantil e cultura de pares**

Campinas

2016

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

FLÁVIA FRANZINI DIP

SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA:

**O que tem sido dito sobre ela e seu impacto sobre o
entendimento de protagonismo infantil e cultura de pares**

Este documento corresponde a um Trabalho de Conclusão de Curso, para obtenção do título de graduada em licenciatura em Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas orientado pela Profa. Dra. Gabriela Guarnieri C. Tebet

Campinas
2016

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

Dip, Flávia Franzini, 1994-
D625s Sociologia da infância : o que tem sido dito sobre ela e seu impacto sobre o entendimento de protagonismo infantil e cultura de pares / Flávia Franzini Dip. – Campinas, SP : [s.n.], 2016.

Orientador: Gabriela de Campos Guarnieri Tebet.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Sociologia da Infância. 2. Cultura de pares. 3. Protagonismo infantil. 4. Crianças. 5. Cultura Infantil. I. Tebet, Gabriela Guarnieri de Campos, 1981-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: Sociology of childhood: what has been said about it and its impact on the understanding of children participation and peer culture

Palavras-chave em inglês:

Sociology of childhood

Peer culture

Children participation

Child

Child culture

Titulação: Licenciado

Data de entrega do trabalho definitivo: 13-12-2016

FICHA DE APROVAÇÃO

FLÁVIA FRANZINI DIP

SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA:

O que tem sido dito sobre ela e seu impacto sobre o entendimento de protagonismo infantil e cultura de pares

Este trabalho de conclusão de curso foi julgado adequado ao título de Licenciada em Pedagogia e aprovado em sua forma final pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.
Campinas, 13 de dezembro de 2016.

Gabriela de Campos Guarnieri Tebet
Orientadora

Gislaine Azevedo da Cruz
Segunda Leitora

*Uma geração em busca
Nem o bem, nem o mal
O próprio passo é a razão*

Novos Baianos

Agradecimentos

Agradeço minha avó Cecília, minha avó Anita, minha mãe Ciça e minha tia Lucília, as educadoras da família, que me fazem acreditar todos os dias nesta profissão e a importância da Educação para emancipação.

Aos meus pais, que sempre acreditaram em mim, nos meus sonhos e desejos. Que sempre apoiaram as minhas decisões e foram meus maiores torcedores, sempre sentados na primeira fila.

Agradeço minha orientadora Gabriela Tebet, que me acolheu nos momentos de tensão e me tranquilizou, sempre me lembrando da importância deste tema de pesquisa. E mais importante, me lembrando da beleza que é estudar e escutar as crianças.

Agradeço a primeira escola que estudei, a Grão de Chão, onde tudo isso começou.

Agradeço a escola Curumim, por me lembrar todos os dias que a educação é para todos e que a diferença é que nos fortifica.

Agradeço a UNICAMP e a Faculdade de Educação, por todas as experiências vividas nesses últimos cinco anos, a todas as pessoas que passaram pelo meu caminho nessa jornada e que de alguma forma me ajudaram a ser quem eu sou hoje.

Aos meus queridos amigos, que me acompanharam durante todos os anos de escola e hoje me acompanham na vida.

Resumo

O objetivo deste trabalho foi compreender o campo de estudo DA Sociologia da Infância e qual a sua relação para o entendimento de cultura de pares e protagonismo infantil. Sendo este um campo ainda em construção, procuramos entender quais os caminhos que estão sendo seguidos para compreender a criança como ator social e o modo como elas tem sido constituídas como construtoras de uma cultura autônoma e protagonistas de suas vidas. Para isso foi utilizada a pesquisa bibliográfica de autores estrangeiros e brasileiros que dialogam com o assunto, tendo também no Scielo uma importante fonte de dados. Foram analisados dados de pesquisas e artigos realizadas dentro do campo (1994 a 2016) para compreender melhor o que tem sido dito sobre a infância e a criança. A partir dos dados obtidos, pondera-se que é preciso mudar a ideia de adulto como superior e criança como inferior, e que se criem espaços onde as crianças possam fazer parte das tomadas de decisões dentro do coletivo.

Palavras-chave: Sociologia da Infância; cultura de pares; protagonismo infantil; criança; cultura infantil; participação infantil

Sumário

1. INTRODUÇÃO	9
2. METODOLOGIA	12
3. SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA	15
3.1 Uma perspectiva histórica	16
3.2 Preocupações da Sociologia da Infância	19
3.3 Principais características	22
4. SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA NO BRASIL	25
5. MAPEAMENTO: REFLEXÕES A PARTIR DOS DADOS LEVANTADOS NO SCIELO	33
5.1 Sociologia da Infância	33
5.2 Protagonismo Infantil	37
5.3 Cultura de Pares	38
6. INTERFACES ENTRE SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA, PROTAGONISMO INFANTIL E CULTURA DE PARES	44
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48
APÊNDICE I - Sociologia da Infância	50
APÊNDICE II – Protagonismo Infantil	54
APÊNDICE III – Cultura de Pares	56

1. INTRODUÇÃO

Escolher um tema para ser Trabalho de Conclusão de Curso se apresentou como um desafio. Muitas ideias e vontades me despertaram quando precisei escolher um assunto para estudar. A disciplina de Políticas de Educação Infantil, que cursei em 2014, abriu meus olhos para uma questão de extrema importância para quem entra no campo da educação: o direito da criança.

Como explicitarei melhor no decorrer deste estudo, as crianças, historicamente, se encontram em situação marginalizada. Os adultos decidem o que é melhor para elas, como deve ser sua educação, sua vida. Cabe ao mundo do adulto refletir sobre elas, mas ainda não se tinha partido dos pequenos para compreender a infância. “(...) pouco se ouve e pouco se pergunta às crianças” (QUINTEIRO, 2002, p. 140).

Nesse momento, comecei a trabalhar em uma escola com Educação Infantil e o dia a dia com as crianças me abriu os olhos para esse universo infantil e todas as suas possibilidades. Em um primeiro momento pensei em trabalhar com a autonomia das crianças por que, nessa escola, as crianças desenvolvem uma personalidade de decisão e autonomia para suas escolhas. Então, o que será que está envolvido nesse processo, a instituição, os professores, o bairro, a comunidade?

Então fui conversar com a professora da disciplina de Pedagogia da Educação Infantil, Gabriela Tebet que, além de concordar em me orientar, abriu os olhos para um outro conceito até então desconhecido por mim, mas que foi muito significativo para entender o que era esse desejo de entender a participação das crianças: o protagonismo infantil.

Esse trabalho busca, portanto, discutir o que entendemos de protagonismo infantil, e tentaremos inseri-lo aqui na perspectiva da Sociologia da Infância. Seguiremos uma perspectiva em que as crianças são compreendidas como capazes de participar dos processos decisórios e que é preciso “promover maior aproximação entre crianças e adultos e suas formas de compartilhar projetos, responsabilidades e compromissos” (PIRES e BRANCO, 2007, p. 318).

Os autores Pires e Branco, em artigo publicado em 2007 buscam compreender o significado e as práticas do protagonismo infantil e apontam que,

dependendo das relações de poderes que se estabelecem em ambientes escolares, estes podem promover a participação das crianças ou apagar por completo o protagonismo infantil. Nos ambientes onde se encontram adultos e crianças, é possível criar espaços no qual exista envolvimento das crianças nos processos decisórios coletivos. Porém o que vemos é que existem práticas sociais bastante consolidadas que negam sucessivamente as ações das crianças.

Ao longo desse estudo outro conceito de grande importância para compreender a criança como produtora de conhecimento, é a cultura de pares. Para compreender a palavra *cultura* utilizarei o conceito usado por Jucirema Quinteiro (2002) no qual a autora coloca como uma importante contribuição da Antropologia, esta compreendida [...] “como estruturante do cotidiano de todo grupo social, que se expressa em modos de agir, pensar, relacionar, interpretar e atribuir sentido ao mundo e às coisas” (GUSMÃO citado por QUINTEIRO, 2002, pg. 154).

O termo *pares* é utilizado para dizer que esta construção de cultura infantil é feito em conjunto, a partir de um grupo que compartilha momentos juntos e interagem presencialmente. A partir deste entendimento de *cultura* e *de pares*, o autor William Corsaro define cultura de pares como sendo “(...) conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças produzem e compartilham em interação com as demais” (CORSARO, 2011, p. 128).

Nesse sentido a infância como construção cultural pode ser compreendida como a construção pelas crianças de “seus próprios saberes, suas memórias e lembranças, suas práticas e possibilidades de criar e recriar a realidade social na qual se encontram inseridas” (QUINTEIRO, 2002, p. 141).

A Sociologia da Infância, entendida como um campo de estudo da criança e da infância, abraça esses dois conceitos, cultura de pares e protagonismo infantil, para explicar a criança como criadora de cultura. A Sociologia da Infância aparece em oposição a ideia de passividade das crianças e de que sua socialização é unicamente orientada por adultos e instituições sociais. A

construção da Sociologia da Infância¹ vem no sentido de quebrar com a visão ocidental e adultocêntrica de criança, de que elas não são capazes.

O que se encontra neste trabalho, portanto, é um estudo da sociologia que se consolidou no Brasil a cerca de vinte anos atrás e tem crescido graças a pesquisadores que se propuseram a ouvir as crianças. Portanto, este trabalho busca mapear o que se tem produzido sobre esta Sociologia da Infância e que caminho ela tem seguido destacando o lugar ocupado pelos conceitos de cultura de pares e de protagonismo infantil neste campo.

¹ Os trabalhos que tem sido indicados como pioneiros e marcos da constituição desse campo de estudo são: Fernandes, 1945 (no Brasil); Michel Moss, 1937 (publicado em português em 2010); Opie e Opie 1951; Jenks 1982 (publicado em português em 2002); Qvortrup 1993 (publicado em português em 2011) e outros.

2. METODOLOGIA

O termo *metodologia científica* é composto pelo significado de duas palavras: *metodologia*, que é o estudo do método, regras e procedimentos estabelecidos para realizar uma pesquisa, *científica*, é uma palavra que deriva de ciência, conjunto de conhecimentos precisos e metodicamente ordenados em relação a determinada área do saber (Gerhardt et al, 2009). Nessa perspectiva, metodologia científica se propõem a ser um estudo dos procedimentos que serão utilizados em uma pesquisa sobre um determinado conhecimento.

Por meio dos métodos, o conhecimento é produzido a partir de uma investigação científica. Karl Popper, importante autor e pensador sobre a pesquisa científica descreve em seu livro, “A lógica da pesquisa científica” (POPPER, 2007), os processos das pesquisas e seu caráter lógico.

Importante ponto a se considerar quando estamos falando de uma pesquisa científica: todo conhecimento científico possui um caráter provisório, uma vez que pode ser questionado, testado e reformulado. Popper (2007) traz o problema da indução que

(...) também pode ser apresentado como a indagação acerca da validade ou verdade de enunciados universais que encontram base na experiência, tais como as hipóteses e os sistemas teóricos das ciências empíricas. (POPPER, 2007, p. 28)

Uma vez que “a verdade” pode ser conhecida pelas experiências empíricas, através de métodos, ela também pode ser reformulada, testada novamente, mostrando novos conhecimentos ou refutando “uma verdade” antes estabelecida.

O conhecimento científico surge a partir da determinação de um objeto específico de investigação e do uso de um método para realização da análise. As possibilidades de métodos de pesquisa são grandes, uma vez que o caráter das pesquisas são inúmeros. O método deve ser preciso e adequado para cada tipo de pesquisa.

A pesquisa qualitativa é um tipo de pesquisa que não se preocupa com representatividade numérica e sim com a compreensão de um grupo social, de uma organização (SILVEIRA E CÓRDOVA em Gerhardt et al, 2009, p.31). No caso deste estudo, a pesquisa proposta visa o entendimento dos discursos produzidos sobre as crianças, suas culturas e seu protagonismo. Trata-se de uma tentativa de identificar elementos que possam contribuir para uma melhor compreensão do campo da sociologia da infância.

Para isso, será utilizada a pesquisa bibliográfica. De acordo com Gerhardt et al. (2009), pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas, seja por meios escritos ou eletrônicos. Todo trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica e isso permite que o pesquisador tome conhecimento sobre o que já foi estudado sobre o assunto. Assim, a pesquisa cujos resultados serão explicitados a seguir se utiliza exclusivamente da pesquisa de bibliografias, com o objetivo de recolher informações e conhecimentos prévios sobre o assunto. Ainda que haja uma grande proximidade entre a pesquisa documental e a bibliográfica, a pesquisa documental não foi realizada tendo em vista o tempo de concretização da pesquisa a partir definição dos critérios para priorizar a análise de textos disponíveis no Scielo.

A pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas. A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. (FONSECA, 2002, p. 32 In GERHARDT et al, 2009, p. 37).

A escolha da pesquisa bibliográfica neste estudo foi de extrema importância, uma vez que se propõem a entender um assunto ainda muito recente no campo da Educação e da Sociologia da Infância, sobre o que é pensado sobre as culturas da infância e do protagonismo nessa construção social. Portanto, a partir produções realizadas por autores brasileiros e

estrangeiros, visamos refletir sobre este estudo da cultura infantil e o protagonismo.

Para realizar a análise dos dados coleados, foram produzidas e analisadas tabelas, para compreender um pouco mais sobre o que tem sido dito em artigos em relação a Sociologia da Infância, protagonismo infantil e cultura de pares. Neste momento foi usada uma análise quantitativa, por que era importante constatar as quantidades do que tem sido nesses artigos e o quê. Como apontam Gerhardt et al. a pesquisa quantitativa “utiliza procedimentos estruturados e instrumentos formais para coleta de dados (...) e analisa os dados numéricos através de procedimentos estatísticos” (SILVEIRA E CÓRDOVA em Gerhardt et al, 2009, p. 34).

3. SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA

A Sociologia da Infância pode ser considerada um campo de investigação recente que ganhou força nos últimos 20 anos. Até o fim do século XX, a infância não tinha um espaço próprio de estudo, e o que existia estava geralmente relacionado à sociologia da família e à sociologia da educação. As tradicionais teorias de socialização existentes são reflexo de um momento histórico longo onde as crianças foram não só ignoradas como marginalizadas. Vistas como futuros adultos que ocupariam um lugar e trariam contribuições ao mundo adulto, as crianças não eram consideradas indivíduos com interesses específicos ou produtoras de cultura. Apenas internalizavam e reproduziam uma cultura adulta já existente, a chamada *socialização*, que por muito tempo teve Emile Durkheim como principal teórico e cujas perspectivas foram significativamente criticadas pelos pioneiros do campo que hoje se denomina Sociologia da Infância.

Pela concepção determinista de Durkheim “a socialização é um processo de inculcação de valores e saberes pela família, escola e outras instituições, complementada pela influência mais ou menos difusa de elementos do meio ambiente natural e social” (BELLONI, 2007, p. 61). Para Durkheim, o objetivo da socialização é a manutenção do consenso, “entendido como uma comunidade de ideias, crenças religiosas, tradições nacionais ou profissionais, opiniões coletivas, normas e regras aceitas por todos os membros da sociedade” (BELLONI, 2007, p. 64) que possibilita a vida social.

Nas palavras do próprio Durkheim, “A educação é a ação exercida, pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontram preparadas para a vida social” (DURKHEIM, 1978, p. 41)

A concepção de *socialização* que pretendo analisar aqui se difere essencialmente da socialização durkheimiana, e leva “em conta a criança como sujeito social, que participa de sua própria socialização, assim como da reprodução e da transformação da sociedade” (MOLLO-BOUVIER, 2005, p. 393).

Portanto, esta “nova Sociologia da Infância”, proposta por alguns autores contemporâneos, se destaca como aquela que vê as crianças como atores sociais que produzem cultura e que possuem um papel ativo na sua própria socialização bem como na socialização de seus pares.

3.1 Uma perspectiva histórica

O historiador Philippe Ariès foi considerado um dos pioneiros no estudo da infância com seu livro “História social da criança e da família”. Sua importância para a Sociologia da Infância foi o seu olhar para o caráter histórico e social das crianças.

Por mais que Ariès tenha sido o primeiro a tratar o assunto *infância*, alguns autores posteriores criticaram seu trabalho pela generalização e exagero na ideia de inexistência do sentimento de infância na idade média, onde baseia seu estudo. Heywood (2004, citado por Silva, Raitz e Ferreira, 2009, p. 75) diz que o sentimento era tão distinto do conhecido nos dias atuais que não conseguiríamos reconhecê-lo. A situação da Idade Média era que, a mortalidade infantil era tão comum que, se passada a idade dos sete anos (momento que se considerava o fim da infância), a criança pequena já se confundia com o mundo adulto, principalmente por que se inseriam no trabalho e nas atividades adultas. Stearns (2006) também questiona a perspectiva proposta por Ariès e argumenta em defesa de uma compreensão de que, ainda que marcada por significativas mudanças, a infância sempre existiu. Nesse sentido o autor afirma que

A infância mudou bastante na conversão da era da caça e coleta para a era da agricultura. Mudanças posteriores na organização social e crenças religiosas trouxeram alterações mais modestas, embora significativas. O advento de ideias e condições modernas para a infância, disseminadas por imitação, pela pressão internacional e pelas simples exigências de se tentar construir economias industrializadas e Estados modernos, fizeram acelerar o ritmo da mudança outra vez – sempre em meio a grande diversidade. As mudanças são fundamentais e, em termos históricos, ainda muito recentes mesmo em sociedades que foram pioneiras nas primeiras versões da infância moderna. (STEARNS, 2006, p. 212)

Posteriormente, a transição do século XVII para o século XVIII enfatizou-se a ideia da criança frágil e ingênua e assim, conseqüentemente iniciou-se as

práticas de mimar e paparicar as crianças, o que mostrou uma fase do cuidado excessivo das crianças que perpetua até os dias de hoje: “passou a ser um objetivo dos pais, o que contribuiu para a rápida difusão de elementos necessários à construção da nova concepção sobre a excessiva fragilidade da infância e dos consequentes cuidados especiais” (PIRES e BRANCO, 2007, p. 315).

No sec. XVII é evidente o reconhecimento da infância e adolescência, pois o crescimento demográfico, concentrações em áreas urbanas e o papel crucial da escola surgem nesta época como fatores importantes para esse reconhecimento. Sem contar textos literários, jornalísticos, médicos e também retratos artísticos que mostram a preocupação com a criança.

O século XIX colocará as crianças sob a preocupação da Medicina e da Psicologia com relação a vida das crianças. A higiene, o cuidado, a normatização e a prescrição do desenvolvimento a partir das idades, faz com que as crianças cresçam tendo o adulto como controlador da infância. Por mais que a Psicologia se mostre uma área do conhecimento que se volta para a criança, seu envolvimento está mais relacionado com o desenvolvimento e progressão da criança enquanto indivíduo do que com a ideia de construção da infância.

A partir das contribuições da Sociologia da Infância, os estudos das crianças estavam ligados diretamente à família ou à escola, e sua socialização atrelada à instrução de valores da sociedade adulta, o que levou estas ao silêncio, e a uma posição marginalizada e passiva diante do mundo adulto, ainda que algumas teorias pedagógicas (como as de Piaget e Vygotsky) já apontassem para a importância de um papel mais ativo da criança frente à produção de conhecimento.

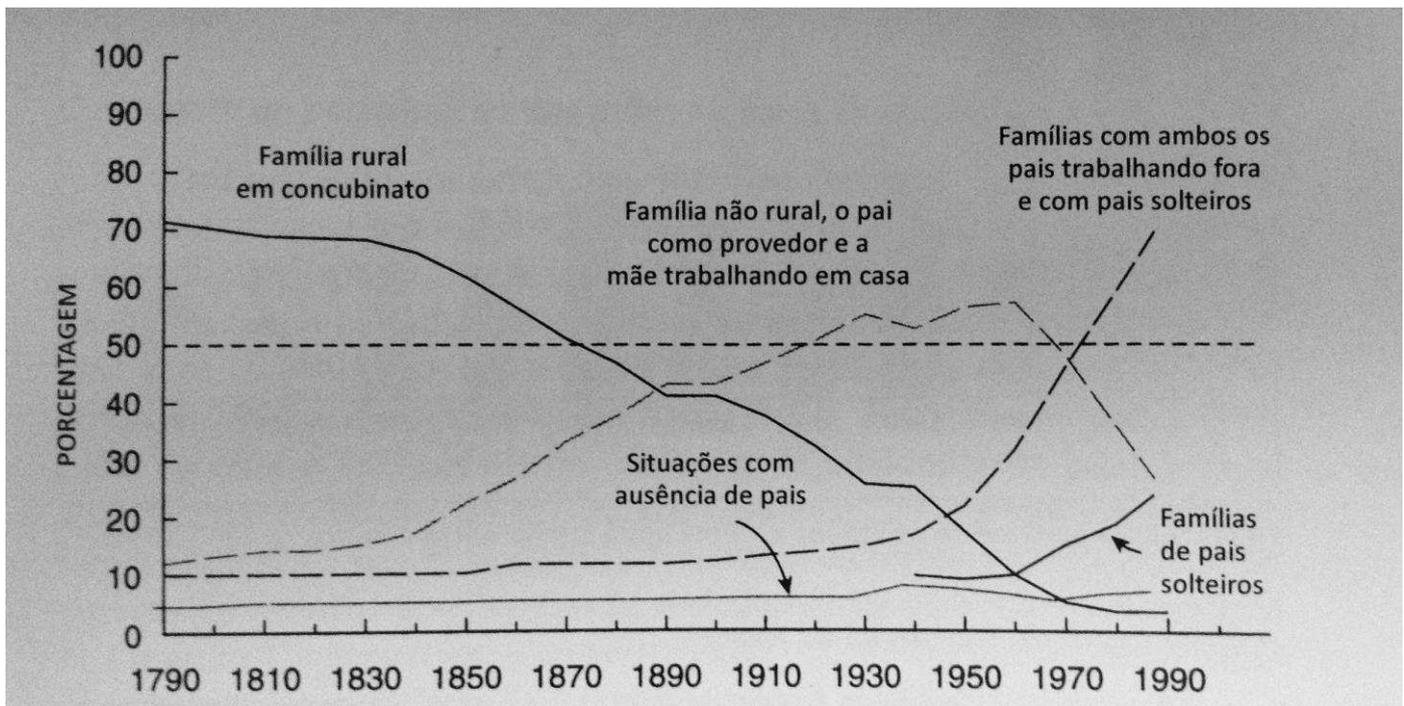
A Sociologia da Infância constitui-se a partir da década de 1980 e 1990. Alan Prout aponta quais foram as condições necessárias que ocorreram na época para que se pensasse na necessidade de uma Sociologia da Infância. Para o aparecimento deste novo estudo, as principais perspectivas foram: a Sociologia Interacionista que "problematizou o conceito de socialização que torna as crianças muito passivas"; a Sociologia Estrutural "que vê a infância

como um dado permanente da estrutura social"; e o Construtivismo Social² que "ênfatiou a especificidade histórica e temporal da infância e dirigiu o foco à sua construção através do discurso" (PROUT, 2010, p. 731).

A Sociologia da Infância acontece junto com uma série de mudanças na sociedade contemporânea, entre elas as diferentes formas de vida familiar, o consumo diversificado, as mudanças na participação no mercado de trabalho, o emprego e a economia global. Fato é que tais mudanças mostraram que a ideia de infância já não era condizente com as necessidades da sociedade. Prout (2010) coloca que estava ocorrendo, e ainda ocorre, uma mudança no caráter da infância: as famílias já não vivem mais em um padrão estereotipado. Estudos mostram que as estruturas familiares sofreram mudanças significativas ao longo dos anos, visto que passaram de famílias substancialmente rurais, com pai e mãe trabalhando no campo (século XIX), para famílias urbanas, com pais trabalhando fora de casa e mães trabalhando em casa (fim do século XIX até meados do século XX), e uma crescente quantidade de famílias com pais solteiros, com mãe e pai trabalhando fora de casa (1950 até dias de hoje). Assim, essas situações de diferentes famílias vivendo de diversas formas já não podem mais ser percebidas como um desvio da norma.

Abaixo gráfico retirado do livro "Sociologia da Infância" de William Corsaro (2011) que explicita esta mudança no caráter familiar do fim do século XVIII à fim do século XX (gráfico representa a reorganização de famílias norte-americanas, porém podemos usar como exemplo para o caráter das mudanças familiares nas sociedades ocidentais, como aponta o autor):

² Apesar da tradução do texto em questão utilizar essa expressão, autoras como Tebet (2013) preferem usar a expressão "Construcionismo social" para traduzir a ideia do autor e evitar confusão, uma vez que esse conceito não se relaciona ao pensamento construtivista de Piaget. No original o autor utiliza a expressão "social constructionism".



Os autores Silva, Raitz e Ferreira (2009), que discorrem sobre a Sociologia da Infância no artigo “Desafios da Sociologia da Infância: uma área emergente”, mostram que hoje se vive novos processos socializadores. Os autores acreditam que os tradicionais espaços socializadores, como a escola e a família, se mostram duvidosos no momento histórico que vivemos, uma vez que entende-se que os sujeitos possuem subjetividade. Esses espaços não são os únicos que constroem a identidade do sujeito. A escola, a família e outras agências socializadoras se mostram frágeis como referências de normas e valores, o que faz com que a identidade não seja construída apenas pela cultura adulta.

3.2 Preocupações da Sociologia da Infância

Algumas autoras que nos ajudaram a pensar sobre a Sociologia da Infância foram as pesquisadoras brasileiras Anete Abramowicz e Fabiana Oliveira (2010) e Jucirema Quinteiro (2002), bem como os pesquisadores estrangeiros Alan Prout (2010) e William Corsaro (2011). Os referidos autores

trazem preocupações sobre o que é a Sociologia da Infância e abaixo discorro um pouco sobre suas principais ideias.

A concepção de criança e infância não é algo novo, mas o olhar que a contemporaneidade deu é relativamente recente. A infância não é uma mera passagem de tempo para a vida adulta. As crianças são atores sociais com pensamento crítico e reflexivo.

Porém, algumas preocupações surgem, uma vez que este é um estudo recente e em ascensão. Uma delas é a necessidade de compreender as crianças como sujeitos pertencentes da sociedade. Quinteiro (2002) afirma que é preciso que se reflita sobre a lógica dos papéis tradicionais de *adulto* e *criança*, assim como sobre as relações desiguais de poder entre eles. A eterna relação do adulto superior à criança, faz com que não se tenha conhecimento sobre o mundo das culturas infantis.

As crianças, assim como as mulheres, os homossexuais, os negros, os pobres, são grupos marginalizados na sociedade essencialmente heterossexual, machista e branca. As crianças ainda se encontram em “desvantagem” por que não conseguem lutar pelos seus direitos, e dependem dos adultos para pensar sobre suas vidas. Elas se encontram em um lugar tão periférico, inclusive, por que não conseguem produzir um material que fale sobre elas produzido por elas mesmas. Como Abramowicz e Oliveira (2010) apontam, essa marginalização das crianças perante o mundo adulto levaram as crianças a permanecerem em silêncio.

As crianças são sempre contadas e retratadas por outro, o adulto. Foi essa marginalização que fez com que as crianças fossem ignoradas por tanto tempo pela Sociologia e só recentemente surgisse um estudo específico da infância. O que a nova Sociologia da Infância procurará fazer são algumas tentativas de falar da criança e da infância a partir de outros referenciais, que não o adulto.

É comum nas sociedades ocidentais perceber as crianças como problemas sociais, como aponta Quinteiro (2002). Elas não são compreendidas como sujeitos, como são os adultos, mas como seres inferiores e não merecedoras de respeito. Isso leva a uma visão de discriminação, um grupo não tolerado e sem direitos legais. Outra forma de ver as crianças como um problema social é a intensa preocupação acerca de sua segurança na sociedade

industrializada contemporânea. O medo e a ansiedade dos adultos de que algo aconteça com elas faz com que se promova a sua domesticação, ou seja, que cada vez mais as crianças fiquem presas às instituições (casa, escola) e se isolem das ruas e do mundo afora.

Ao mesmo tempo há um questionamento de que as agências tradicionais socializadoras, como a família e a escola, estão passando por crises e ganhando novos significados. As sociedades contemporâneas vivem em situações pluralistas, confrontadas por uma série de valores distintos. As crianças vivem situações diversas em casa, na escola, na mídia, na sociedade e tentam individualmente, ou de forma coletiva, dar sentido ao mundo que vivem. O momento atualmente que vivemos faz emergir a discussão sobre identidade e pluralidade.

Outra importante preocupação vem do pesquisador Alan Prout (2010). O que o autor se propõe a criticar em seu artigo "Reconsiderando a nova Sociologia da Infância" é que, tão preocupada em abrir um espaço na Sociologia Moderna, a Sociologia da Infância mostrou posições dicotomizadas. Os diferentes estudos, realizados em variados lugares por pesquisadores estrangeiros e brasileiros, mostrou posições da Sociologia da Infância que não conversam e divergem. O que o autor propõe como solução é intensificar a interdisciplinaridade dos estudos da infância, no qual sociólogos, historiadores, psicólogos, geógrafos e médicos participem juntos desta complexa conversa.

Há uma dificuldade em compreender como esses sujeitos tão pequenos possuem uma atuação tão grande nas diferentes sociedades. Corsaro (2011), em seu livro "Sociologia da Infância", discorre sobre diversas pesquisas que mostram como crianças são atores sociais e produzem cultura.

Os relatos descritos pelos pesquisadores documentam que as crianças tiveram importante papel na cultura em que viviam. Algumas vezes suprindo necessidades econômicas de sua família (como era o caso das famílias imigrantes que trabalhavam nos campos dos Estados Unidos na virada do Século XX), outras mantendo regras sociais de convívio ativas, contribuindo com sua manutenção social (como na cultura Hausa - estudo realizado na cidade nigeriana na década de 1970 que constatou o papel essencial das crianças para a manutenção de um sistema de segregação por gênero da comunidade) e até

mesmo a criação de brincadeiras que ajudavam a lidar com seus medos (como as crianças escravas no período anterior à Guerra Civil norte-americana).

Podemos constatar que estes estudos realizados com crianças e suas infâncias, apontam para narrativas históricas que dão vida às crianças e mostram que elas são autoras nas sociedades em que vivem. Os estudos foram de extrema importância para que elas passassem a serem vistas como contribuintes na mudança social e na produção de suas próprias culturas infantis.

3.3 Principais características

Este é um tópico difícil de ser abordado, uma vez que os diversos pesquisadores da área têm ideias e teorias diferentes sobre o que é a Sociologia da Infância. Porém há uma fala em comum que os une e que entendemos quando falamos em “Sociologia da Infância”. Na verdade, o que procuro com essa pesquisa é encontrar o que tem sido discutido sobre o assunto e por qual caminho esta nova e emergente área está se encaminhando.

Primeiramente é importante apontar que a Sociologia da Infância se apresenta como um campo de conhecimento alternativo para os estudos de socialização e infância, como já foi dito acima na perspectiva histórica do estudo da Sociologia da Infância. Ela busca o estudo das crianças e de sua condição para além dos papéis desempenhados no interior da escola e da família, tradicionalmente estudados pela Sociologia da Família e pela Sociologia da Educação.

Dentro desta discussão, o autor William Corsaro traz uma importante contribuição para este campo de conhecimento, que é o de ver a infância a partir de uma perspectiva social. Determina que a infância é um período em que as crianças vivem suas vidas, mas que também são uma parte da estrutura da sociedade, uma classe social: “embora seja um período temporário para a criança, é uma categoria estrutural permanente na sociedade” (CORSARO, 2011, p. 42).

Ao mesmo tempo que a infância não é algo natural e universal, constrói um discurso social e historicamente situado, ou seja, produz uma cultura local e singular dentro dos pequenos grupos de crianças. A infância pode ser entendida,

assim como uma classe social, no sentido de que é permanente na sociedade, embora a ideia de permanência não signifique que ela é única e imutável. O que a criança faz, fala, ou como age, ou seja, o modo como ela interpreta o mundo, diz respeito a algo que é presente, contemporâneo. Existe uma cultura das crianças que é exclusivamente delas.

Uma outra característica que tem sido recorrente entre os pesquisadores diz respeito ao discurso. Também apresentado como “Sociologia do Discurso das Crianças e da Infância”, propõem-se a compreensão da infância como uma construção discursiva.

Para Jenks em Tebet (2013), a infância como construção discursiva seria a ideia da criança como um ser social que desempenha um papel ativo na formulação do mundo. Para tanto, é preciso desconstruir as barreiras existentes do que se compreende da infância e reconstruir novos conceitos, principalmente as barreiras construídas entre as diferentes áreas como a educação, a sociologia, a psicologia, a medicina. Prout (2010) acredita que a fala conjunta das diversas áreas ajudará a compreender melhor o que é esta nova Sociologia da Infância.

A ideia do discurso também é colocada pelos autores James e Prout em Tebet (2013), que a infância não é algo natural e universal, desta forma pode ser vista como um discurso social e historicamente situado, que é relativo e que pode variar conforme o contexto e lugar que estamos falando. Portanto, o que os autores propõem é que, ao invés de se buscar o que seria a criança ou a infância, (algo que foi amplamente difundido e problematizado pelas compreensões biológicas e psicológicas, que tendem a uniformizar e homogeneizar a infância), deve-se analisar como as diferentes práticas produzem diferentes infâncias. Esta também é uma reflexão em comum com as pesquisadoras brasileiras Anete Abramowicz e Fabiana de Oliveira, que compreendem que devem ser levados em consideração para pensar as infâncias os fatores heterogêneos, como: classe social, raça, gênero, religião, tempo, localidade etc. “tendo em vista que os diferentes espaços estruturais diferenciam as crianças” (ABRAMOWICZ e OLIVEIRA, 2010, p. 43).

O que gostaríamos de apontar é a importância da atividade coletiva, como a cultura de pares reinventa e produz cultura. É a partir do coletivo, das brincadeiras e dos espaços que possibilitam interação entre as crianças que

proporcionam a construção das diferentes infâncias. As crianças não se limitam somente a internalizar os valores da sociedade e cultura em que estão inseridas, mas contribuem ativamente para a produção e mudanças culturais e por isso a importância da brincadeira. O brincar é a expressão do protagonismo infantil, ou seja, o exercício da criatividade e a capacidade de produzir. Jucirema Quinteiro (2002) aborda sobre dois elementos importantes do brincar: por meio da brincadeira a criança é capaz de construir significados para as ações que realiza e também sobre a importância do reconhecimento simbólico das crianças de construir cultura.

O interesse das instituições e dos agentes sociais a respeito de como ocorrem os processos de socialização das crianças tinha o objetivo de saber como melhor inseri-las na sociedade. A crítica dessa emergente Sociologia da Infância sobre esse conceito de socialização trouxe a ideia da criança como *ator social*.

Quebrando com a ideia de sujeitos passivos que estão no mundo para aderir aos valores da sociedade adulta, a Sociologia da Infância vê a criança como sujeito e ator social do seu processo de socialização e infância. Neste sentido, os pesquisadores desta emergente área acreditam que as crianças são participantes ativos na construção social da infância e de culturas, e que a Sociologia da Infância compreende a criança como sujeito da história, que atribui significados e dá sentido a sua cultura própria.

Pensando em todo o contexto da Sociologia da Infância apresentado acima, compreendemos que a criança é sujeito e protagonista da história, e com isso constrói a cultura que vive. Nesse sentido, entendo também que a cultura de pares também é nuclear, ou seja, pertence aos pequenos grupos que vivenciam aquela cultura. Corsaro (2011) aponta que as culturas locais produzidas pelas crianças integram culturas mais amplas de outras crianças e também dos adultos. Ao sair do âmbito familiar, as crianças já se tornam participantes e colaboradoras de cultura de pares locais.

4. SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA NO BRASIL

*“Vapor barato, um mero serviçal do narcotráfico
 Foi encontrado na ruína de uma escola em construção
 Aqui tudo parece que é ainda construção e já é ruína
 Tudo é menino e menina no olho da rua
 O asfalto, a ponte o viaduto ganindo pra lua
 Nada continua
 (...) Alguma coisa está fora da ordem
 Fora da nova ordem mundial...”*

Caetano Veloso

Para iniciar este capítulo, tocarei em um assunto frequente nas discussões sobre a Nova Sociologia da Infância: as fronteiras geográficas dos países diferenciam as culturas de pares das crianças de diferentes nacionalidades? Região, clima, densidade demográfica, classe econômica, etnia, religião, são fatores que definem a cultura de pares? As autoras Anete Abramowicz e Fabiana Oliveira (2010) acreditam que, diferente do contexto europeu e americano, países que possuem uma grande quantidade de trabalhos produzidos sobre Sociologia da Infância, o Brasil apresenta especificidades quando utilizamos este referencial teórico, as autoras indagam, afinal “O sujeito da Sociologia da Infância francesa pode ser o mesmo de uma Sociologia da Infância no Brasil?” (ABRAMOWICZ e OLIVEIRA, 2010, p. 43).

É muito importante lembrar que não podemos fazer da infância uma concepção uniforme. Ao mesmo tempo que há fatores homogêneos entre as crianças, como por exemplo a idade, os fatores heterogêneos são de extrema importância e devem ser levados sempre em consideração. Os diferentes espaços vivenciados pelas crianças diferenciam sua cultura.

Abramowicz e Oliveira (2010) acreditam que os estudos sobre Sociologia da Infância e Cultura de Pares têm sido feito em locais onde a criança é o principal sujeito desses ambientes, tais como: nas escolas, nos pátios, nos recreios, nos parques, ou seja, locais onde as crianças têm um alto grau de controle. Locais onde a criança brinca, inventa, imita, cria, briga, resiste. As autoras acreditam que ainda é preciso mais estudo sobre a cultura infantil em locais no qual a predominância não é a criança e a infância.

Porém, não podemos deixar de lado uma discussão sobre *globalização cultural*. Pensando em macro, como por exemplo os países ocidentais, há uma

cultura dominante que são reproduzidas por diversas crianças, independente de sua nacionalidade. Muitos desenhos animados que circulam em cidades americanas também são assistidos no Brasil, Argentina, Espanha. Uma quantidade enorme de brinquedos são encontrados em qualquer loja para crianças. O suco de tal marca, o lanche do McDonalds, o Papai-Noel, a roupa, o tênis e uma série de outros artigos que qualquer criança pode encontrar na sua cidade. Independente de onde estão geograficamente, muitas crianças entram em contato com uma mesma cultura por essa globalização cultural, o que nos faz refletir sobre identidade e pluralidade.

Ainda assim, Abramowicz e Oliveira (2010) apontam que é impossível pensar em Sociologia da Infância da mesma maneira em sociedades tão distintas. Quando vamos discutir Sociologia da Infância é preciso questionar a história social da infância de determinado lugar. O Brasil é um país que historicamente dá péssimas condições de vida para as crianças e suas famílias pobres, possui um histórico de crianças vivendo nas ruas, de desrespeito por parte do Estado em relação às leis ligadas à criança e seus direitos e da incapacidade de perceber as especificidades da educação da criança de zero a seis anos. É preciso pensar na infância brasileira no tempo atual, por que ela é uma marca de uma história social de longa data. Como lembra Quinteiro (2002), a história da infância no Brasil é muito próxima do processo histórico do assistencialismo, do atendimento às crianças em situação de risco e da produção da imagem da criança como ameaça social.

A partir das recentes pesquisas sobre a infância no Brasil, sabemos de sua precariedade, da sua difícil condição social e da relação subalterna da criança em relação ao adulto. E isso são marcas características da cultura infantil no nosso país.

O que tento explicitar aqui é que as fronteiras também são responsáveis pelas culturas infantis. Retomo agora o autor William Corsaro (2011), escritor americano, que auxilia à compreender o conceito de cultura de pares aqui utilizada. Conforme o autor, cultura de pares pode ser compreendida como um “conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças produzem e compartilham em interação com as demais” (CORSARO, 2011, p. 128). Entendemos que a cultura local acontece durante a

interação e brincadeira das crianças que vivenciam juntas uma série de atividades e rotinas.

Para ilustrar um pouco do que são as culturas de pares locais, apresento a seguir dois momentos que vivenciei em escolas particulares que ilustram sucintamente sobre o que são as culturas de pares locais. A primeira é em uma escola da cidade de São Paulo e a segunda está localizada na cidade de Campinas:

1) Subir na árvore

Em uma instituição da zona oeste de São Paulo, o subir em árvores é uma das brincadeiras preferidas das crianças. A escola é de Educação Infantil e atende crianças de 1 (um) até 6 (seis) anos. A partir de dois anos as crianças frequentam a mesma unidade escolar e participam juntas de brincadeiras no Quintal, espaço costumeiramente chamado de parque em outras escolas. A escola promove constantemente a interação das crianças de diferentes idades juntas, seja no quintal, em salas ou em atividades direcionadas. O espaço proporciona um momento muito importante e que abarca parte do tempo das crianças, onde elas podem brincar livremente pelos diversos lugares que lá existem, tais como: tanque de areia, quadra, brinquedão, galpão, sala do meio, entre outros.

Subir nas árvores é um elemento muito importante e antigo na cultura dessa escola, no qual professores, auxiliares e funcionários cultivam essa brincadeira entre as crianças. As mais novas observam as mais velhas se aventurando nas árvores da escola e com o transcorrer do tempo passam também a se interessar por essa brincadeira. É uma importante cultura criada pelas crianças, pois sem a interferência dos adultos, ao longo dos anos, se criou a ideia que para se tornar grande é preciso conseguir subir nos níveis mais altos das árvores.

O que acontece é o seguinte: não é que só as crianças mais velhas que podem subir nos níveis mais altos das árvores, mas se uma criança consegue subir mais alto, significa que, entre elas, agora ela é uma criança grande, e ela sabe disso. Essa ideia foi sendo construída ao longo dos anos na escola e se propagou entre as gerações de maneira muito natural.

O importante, é compreender que essa é uma cultura exclusivamente das crianças dessa escola. Não foi uma prática ensinada pelos adultos, ela foi construída pelas crianças e faz parte do cotidiano delas. Essa cultura de subir em árvores só é possível por que é uma escola com grandes áreas arborizadas e a brincadeira nas árvores é intensificada pela parceria

dos adultos presentes. No entanto, a ideia da criança se tornar grande por que consegue subir nos níveis mais altos das árvores é algo construído pela brincadeira das crianças.



Foto 1: Acervo pessoal

2) Papa-Lixo

Em uma instituição da zona norte de Campinas, as crianças da Educação Infantil e Ensino Fundamental I compartilham do lanche coletivo. A escola tem um projeto de Alimentação Saudável, que acontece com os alunos e comunidade escolar. Esta procura mostrar hábitos mais saudáveis na questão alimentar por meio de discussões com os alunos, textos no Boletim Informativo da escola e conversas com os pais em reuniões. E assim a coordenação espera que esse projeto reflita no lanche das crianças.

A escola tem o lanche coletivo como uma parte fundamental da sua pedagogia e conta com os pais para que esses colaborem fazendo parte desse momento. Ou seja, é fundamental que os pais ajudem seus filhos para que eles participem desse momento de troca de saberes e mudanças de hábitos durante as refeições. Desde a escolha do que levar até o seu preparo deve ter a participação da criança para que ela possa depois oferecer o lanche que trouxe para os colegas. Para a instituição, o lanche coletivo é importante por diversos motivos como: oferecer integração entre casa e escola, estimular a criança a experimentar diferentes alimentos, favorecer a atitude



Foto 2: Acervo pessoal

cooperativa, proporcionar momentos de conversa sobre a qualidade dos alimentos entre outros aspectos importantes no desenvolvimento dessas crianças.

A prática do lanche coletivo descrita anteriormente é uma cultura exclusiva da instituição citada. Todos que estudam até o Ensino Fundamental I na escola, conhecem a cultura do lanche coletivo e participam dela. No entanto, esta é uma cultura imposta pela escola e que as crianças fazem parte, constituindo uma das atividades diárias das crianças e que já faz parte de sua rotina. Tais momentos contribuem para a criação de culturas exclusivas das crianças, como é o caso do papa-lixo. O papa-lixo é um recipiente grande no qual as crianças jogam casca de fruta, pedaços de pão, sementes enfim, coisas que irão para o lixo. Nesse momento, as crianças criaram um jeito de pedir o papa-lixo que é exclusivo delas, elas entonam um jeito de falar como se estivessem cantando e dizem: “passa o papa-lixo poor favooooor”, colocando ênfase e maior destaque para o “por favor”.

No decorrer do lanche, tanto as crianças mais novas quanto as crianças mais velhas fazem esse tipo de entonação quando pedem para passar o papa-lixo e se divertem muito ao fazê-lo. Não é algo que foi ensinado pelos adultos, é uma brincadeira criada por elas e que passa pelas gerações dessa escola. As crianças que são novas na escola logo se adaptam a brincadeira e começam a entonar o pedido do papa-lixo junto com as crianças mais antigas.

A brincadeira é tão grande no momento do lanche que variações acontecem: “passa o papa-copo poor favoor”, “passa o papa-maçã poor favooooor”, “passa o papa-pão poor favooooor” e por assim vai.



Foto 3: Acervo pessoal

Um aspecto muito interessante dessa brincadeira é que, se uma criança pede de outra maneira o papa-lixo, sem a entonação ou apenas “passa o papa-lixo” as crianças normalmente não respondem e não passam o recipiente para frente. Até que a professora precisa dizer: “Turma, estão pedindo o papa-lixo desse lado da mesa!”. Agora, se é dito com a entonação e dentro da brincadeira, prontamente as crianças passam o papa-lixo.

Desta forma, os exemplos acima nos mostram duas situações que são exclusivas das escolas, e que só acontecem por que o ambiente permite esse

tipo de interação. Não são culturas impostas pelos adultos, mas criadas pelas crianças a partir da rotina e das atividades que essas crianças vivenciam.

Florestan Fernandes (2004) em seu trabalho “As ‘trocinhas’ do Bom Retiro”. Esta pesquisa foi realizada pelo autor em 1940 nos grupos infantis de alguns bairros da cidade de São Paulo que nos mostram muito vividamente o que se entende por cultura infantil. A pesquisa do autor foi realizada em uma época onde os grupos infantis, ou as chamadas “trocinhas”, se encontravam nas ruas dos bairros, unindo crianças da vizinhança pela localização das suas casas, idade e gênero. É uma realidade muito distinta da que vemos hoje, no qual as crianças se encontram cada vez mais presas a instituições, como a escola, o clube, a aula de inglês, a aula de dança etc. As brincadeiras na rua hoje, estão destinadas mais às crianças de periferia e classes economicamente menos favorecidas.

Florestan Fernandes foi um dos percursores brasileiros, mesmo que seu objetivo não fosse este, nos estudos das culturas infantis, contribuindo imensamente com a Sociologia da Infância.

A Sociologia da Infância tem mostrado o abismo existente entre o mundo das crianças e o mundo dos adultos e a incapacidade dos mais velhos de compreenderem a vida e o que se passa nas brincadeiras infantis.

Outro ponto é que os grupos infantis estão intimamente relacionados ao *desejo de brincar*. Depois de uma leitura muito interessante sobre os grupos infantis da época, relatadas por Florestan (2004), compreendemos que a formação desses grupos e tudo que está relacionado a ele, está direcionado pela brincadeira. O que o autor mostra é que, os fatos folclóricos, ou seja, as brincadeiras, são as causas e os motivos desses agrupamentos.

Depois do relato feito pelo autor de como se organizavam as “trocinhas” em alguns bairros de São Paulo, o autor conclui o trabalho discutindo a cultura infantil em si. Ele aponta para o fato de que o que as crianças aprendem relacionado às suas brincadeiras que vem “da rua”, o que para nós hoje podemos compreender como aprendizado entre as crianças.

As brincadeiras, ou folclores, normalmente vêm dos adultos, mas são as crianças que mantêm essa cultura viva resignificando. As crianças possuem o poder de assegurar valores e funções sociais tradicionais através da brincadeira. A partir do que observam e vivenciam na sua interação com o mundo adulto, as crianças interpretam as brincadeiras com a sua visão da sociedade adulta e

também criam novos sentidos, como por exemplo as tradicionais brincadeiras de “papai e mamãe”, “polícia e ladrão”, “restaurante”, brincadeiras que utilizam o “dinheiro” etc, brincadeiras calcadas na vida social.

Por fim, o autor refuta a ideia da criança como ser passivo e reflexo dos atos dos adultos, e que, um simples contato com as crianças permitiria compreender que há vida social entre as crianças e que mesmo a imitação significa interação.

5. MAPEAMENTO: REFLEXÕES A PARTIR DOS DADOS LEVANTADOS NO SCIELO

Este é um importante momento da pesquisa no qual vamos analisar o que está compreendido sobre Sociologia da Infância, protagonismo infantil e cultura de pares, temas selecionados a partir da análise bibliográfica feita acima que se mostraram relevantes para a compreensão do que se tem dito sobre a cultura das crianças.

Uma vez que a pesquisa se propõem a analisar o que se tem sido publicado sobre a Sociologia da Infância e a cultura das crianças, a pesquisa sobre os artigos escritos ajudará a compreender com ainda mais propriedade sobre o que os autores entendem sobre isso.

O site escolhido como fonte para levantamento dos artigos escritos foi o *scielo.org* por ser um dos bancos de dados mais importantes de pesquisa acadêmica utilizados atualmente. Além de ter no seu acervo a maior quantidade de artigos escritos sobre os assuntos, sendo possível que a pesquisa atingisse um maior número maior de possibilidades de temáticas, de pesquisadores, palavras-chaves, países e outras variantes que pudessem influenciar na pesquisa.

A metodologia escolhida para ser utilizada neste trabalho foi a análise de dados a partir de uma pesquisa documental. No site foi usado método *integrada*, pesquisa feita no *regional* e utilizado *todos os índices*. Na pesquisa utilizando o site do Scielo foi usado como descritores as palavras: 1) sociologia infância; 2) protagonismo infantil; e 3) cultura infantil. A seguir detalharemos cada descritor encontrado e suas particularidades.

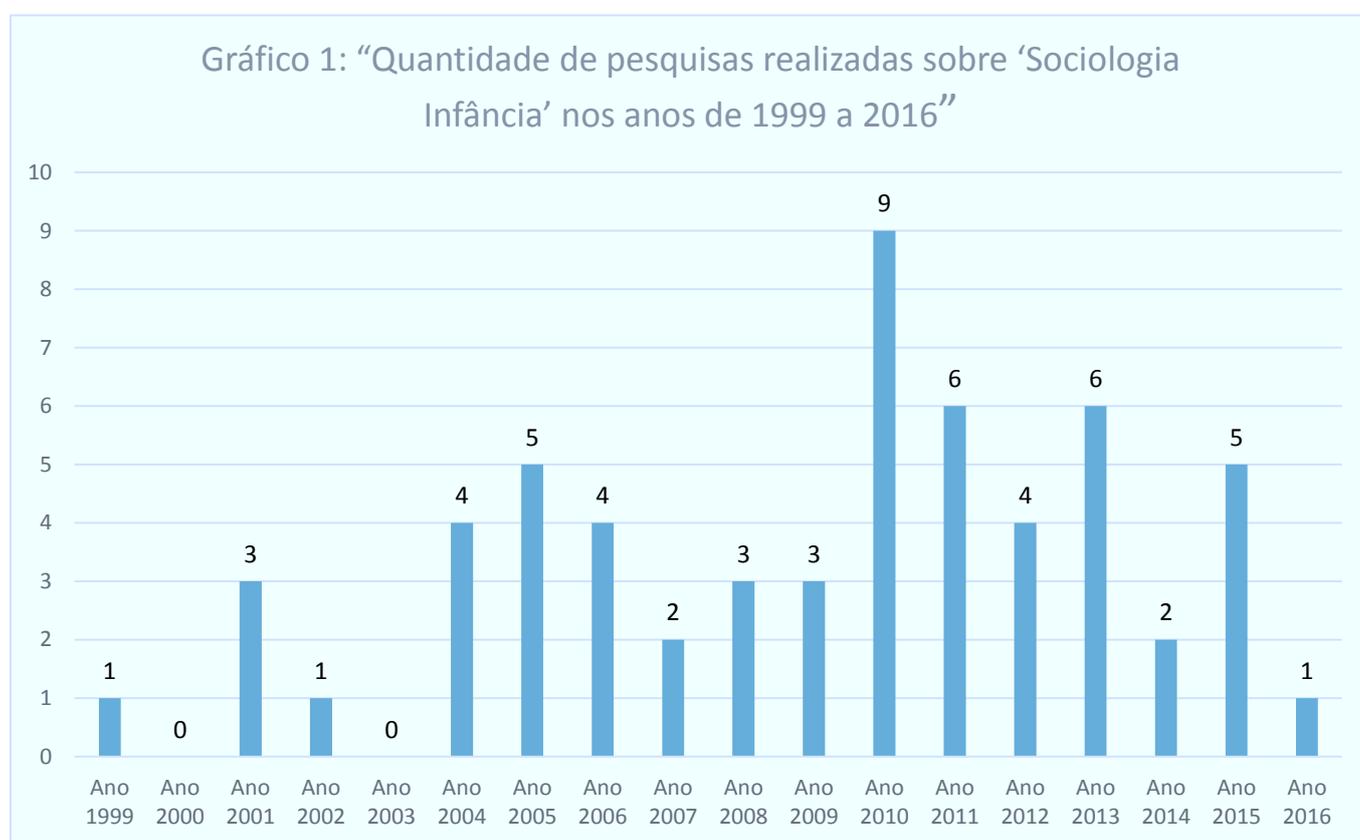
5.1 Sociologia da Infância

A pesquisa começou selecionado o Scielo como buscador de artigos que falassem sobre Sociologia da Infância. Na barra de pesquisa foi colocado a expressão “sociologia infância” em apenas um campo tendo selecionado a opção buscar em “todos os índices”. A pesquisa trouxe um resultado de 59

artigos publicados com estas palavras envolvidas. As pesquisas variavam em um curto período de tempo, a mais antiga de 1999.

O que a pesquisa mostra é que, em um período de onze anos (1999 a 2009) foram feitas vinte e seis publicações sobre o tema, enquanto que em um período de sete anos mais recentes (2010 a 2016) foram realizadas trinta e três pesquisas. Isso mostra como o tema Sociologia da Infância tem ganhado cada vez mais espaço nas produções brasileiras.

Abaixo gráfico sobre a quantidade de pesquisas realizadas com o tema Sociologia da Infância nos últimos anos:

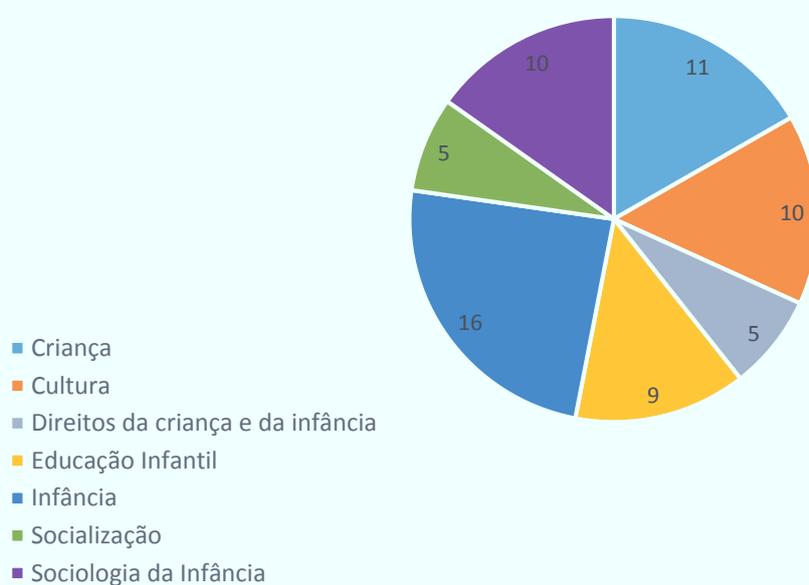


Fonte: Dados de pesquisa

Importante destacar que a análise destes dados foi feita em abril de 2016, e que, em setembro do referido ano já haviam mais dois trabalhos publicados sobre Sociologia da Infância, não sendo possível prever o número real ao longo de todo o ano.

Dentre estes artigos que apareceram no Scielo, aprofundi meu olhar nas palavras-chaves dos artigos, que nos mostraram uma ideia do que se trata estes artigos. Como foi uma pesquisa que resultou em 59 artigos, me proponho a aprofundar meu olhar observando as palavras-chaves, que nos indicam um pouco em que caminho estes artigos estão seguindo. Os 59 artigos que apareceram tinham como soma 214 palavras chaves. Vamos analisar as sete palavras que mais se repetiram entre os estudos:

Gráfico 2: Palavras-chave encontradas em artigos sobre "Sociologia Infancia"



Fonte: Dados de pesquisa

A partir da análise do gráfico, conseguimos fazer alguns apontamentos:

Primeiramente que, as duas palavras-chaves com maior número nos artigos são *criança* e *infância*, que juntas aparecem 27 vezes (não necessariamente em 27 artigos, por que podem ter aparecido juntas no mesmo artigo), ou seja, autores que relacionaram Sociologia da Infância com estudo de crianças e sua infância, o que já era esperado devido ao próprio objeto de estudos da Sociologia da Infância. Interessante que, também temos uma palavra chave que apareceu 5 vezes que é relacionada a essas duas palavras: *direitos*

da criança e da infância, o que nos leva a crer que, Sociologia da Infância, mais do que um estudo de crianças e sua infância, mas também como o estudo de seus *direitos*.

No entanto, a palavra chave *cultura* foi ainda mais expressiva, tendo aparecido em 10 pesquisas diferentes. Dessas dez pesquisas, sete estavam intimamente ligadas com a cultura de pares infantis, as outras três usavam o termo *cultura* relacionado com o sentido de uma cultura das sociedades, não relacionadas necessariamente com a infância. O que se mostra bastante coerente com o estudo feito acima sobre os pensadores da nova Sociologia da Infância, uma vez que as crianças se mostram construtoras da sua própria cultura e participantes da cultura adulta também. Tal resultado nos mostra que o estudo da Sociologia da Infância está intimamente ligado ao estudo das culturas infantis.

Os termos *infância*, *criança* e *sociologia da infância* já eram esperados nesta busca, por estarem indissociáveis na pesquisa sobre Sociologia da Infância.

Todos os artigos em que apareceram o termo *socialização*, estavam relacionados com o estudo da criança e da infância.

Por ter sido usado no buscador a palavra *sociologia*, a pesquisa trouxe algumas possibilidades para esse termo. Dez pesquisas trouxeram junto com esse termo a palavra *infância*, ou seja, a palavra chave era *sociologia da infância* e estava relacionada com o tema desta pesquisa. Porém termos como: *sociologia clínica*, *sociologia da imagem*, *sociologia histórica*, *sociologia da cultura escrita*, *sociologia e sociologia da educação*, também apareceram nas palavras-chave. Mesmo que não diretamente, todas essas pesquisas estavam de alguma forma relacionadas com a criança ou a infância, tirando a *sociologia da cultura escrita*³ que não estava relacionada de nenhuma forma com o que este trabalho procura pesquisar.

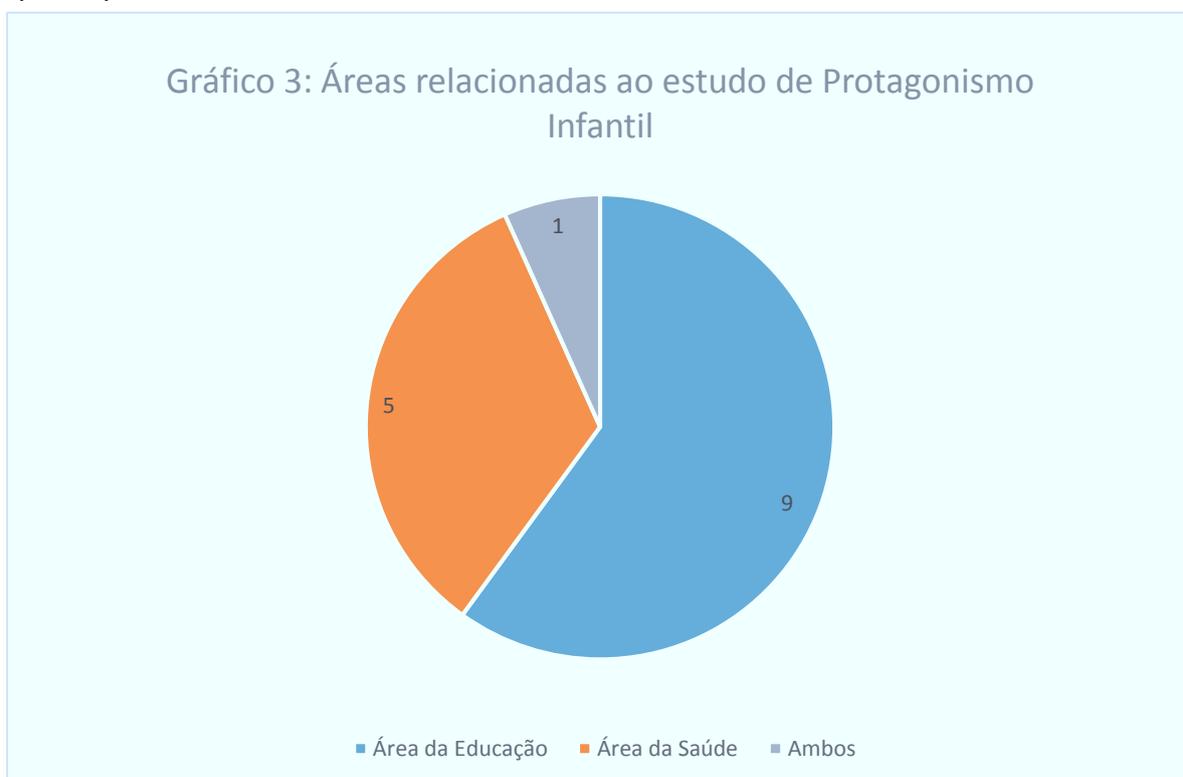
3 Trabalho de Andréa Borges Leão (2011) "Norbert Elias. Uma sociologia da cultura escrita", o artigo analisa as contribuições de Norbert Elias ao pensamento historiográfico contemporâneo.

Por último, mas não menos importante, a palavra-chave *educação infantil*, que apareceu em nove dos artigos escritos relacionados a Sociologia da Infância. O que é interessante nesta palavra-chave é que, o estudo sobre a infância está relacionado em grande parte com as crianças pequenas. Hoje, no Brasil, a Educação Infantil acolhe crianças com até seis anos feitos de abril em diante. (BRASIL, 2010, p. 15).

5.2 Protagonismo Infantil

Para pesquisar sobre o Protagonismo Infantil, um termo que acompanha as discussões de Sociologia da Infância e Cultura de Pares, também utilizei o site scielo.org e na barra de pesquisa coloquei “protagonismo infantil”. A pesquisa trouxe apenas quinze resultados com pesquisas de 2001 a 2016.

Em um primeiro momento, o que mais chama a atenção nesses artigos encontrados é que eles não estão apenas relacionados com a criança e a infância, mas também pesquisas relacionadas a área da saúde. Acima, gráfico que explicita esta ideia:



Fonte: Dados de pesquisa

Nove das pesquisas estavam relacionadas a estudos com crianças, mas em suas mais diversas áreas: participação infantil em questões públicas, políticas e sociais; trabalho infantil; construção da identidade e literatura infantil; questões de gênero; dois trabalhos (dos mesmos autores) falando especificamente sobre protagonismo infantil como estamos estudando neste trabalho, sobre a participação das crianças na sua cultura e em processos decisórios, entre outros temas.

Cinco das pesquisas estavam diretamente relacionadas com área da saúde, com assuntos como: HIV; estudantes de medicina; cuidado humanizado no pré-natal; promoção e educação para a saúde com crianças e nutrição e risco de obesidade em crianças.

E por último, um artigo que ficou entre essas duas áreas de estudo, que trabalha a violência contra crianças e adolescentes em questões sociais e questões de saúde pública.

Mesmo que se uma maneira geral os artigos falam sobre crianças, nenhum artigo utiliza o termo Sociologia da Infância nas palavras chave, o que já era esperado para os artigos relacionados a área da saúde, mas que poderia ter aparecido nos artigos relacionados a área da educação.

Outra constatação importante foram os resultados relacionados aos países de pesquisa. É relevante que sete das quinze pesquisas estão escritas na língua espanhola, e doze delas produzidas na América Latina (incluindo as de língua portuguesa).

5.3 Cultura de Pares

Pesquisar “Cultura de Pares” no Scielo não foi fácil. Primeiramente, quando colocado no pesquisador “cultura de pares”, apareceram 83 pesquisas sendo elas: 33 relacionadas a Ciências Agrárias; 22 relacionadas a Ciências da Saúde; 18 relacionadas a Ciências Humanas; 13 relacionadas a Ciências Sociais Aplicadas; 8 relacionadas a Ciências Biológicas; 6 relacionadas a Linguística, Letras e Artes; 2 relacionados a Engenharias e 2 relacionadas a Ciências Exatas

e da Terra (uma pesquisa pode estar em mais de uma dessas áreas relacionadas, por isso que o Scielo apresenta mais de 83 pesquisas na Áreas Temáticas). De uma maneira geral, muitas áreas utilizam o termo “cultura de pares” e muitos deles não fazem parte do que procuramos compreender e pesquisar nesta pesquisa.

Portanto tentamos outras possibilidades que se aproximassem mais com o nosso tema. O termo *cultura de pares infantis* mostrou nenhum resultado; o termo *culturas infantis* obteve quinze resultados e *cultura infantil* trouxe 154 resultados. Optamos pelo último resultado para compreender melhor o que se tem escrito sobre esse assunto. Destaca-se que todos os quinze resultados encontrados na busca por *culturas infantis* também apareceram na busca por *cultura infantil*, de modo que nossa opção, de fato envolve os resultados das duas pesquisas feitas (*cultura infantil* e *culturas infantis*).

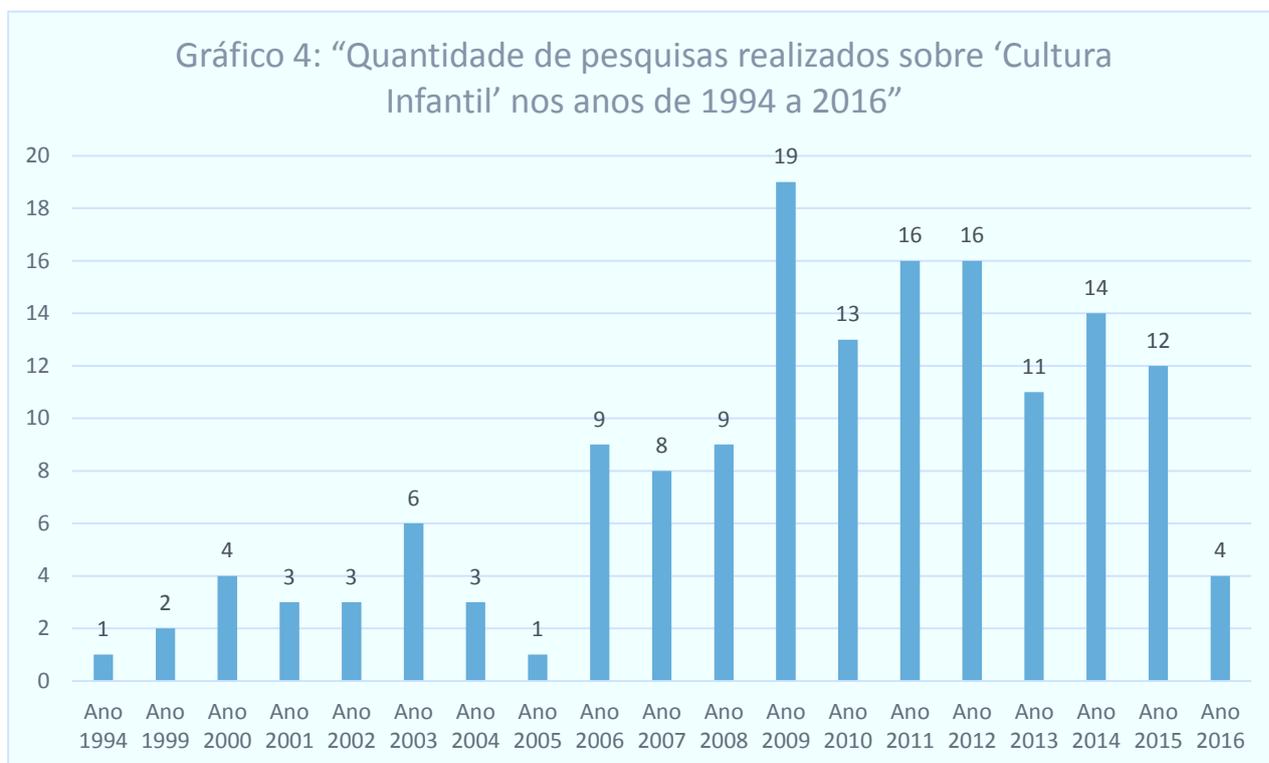
Foi muito interessante analisar os dados obtidos com o termo *cultura infantil*, primeiro pela quantidade de pesquisas encontradas, significativamente maior do que com os termos *protagonismo infantil* e *sociologia infância*. Segundo que, pela quantidade de pesquisas, coisas inesperadas se apresentaram quando analisamos os dados, mas também coisas que já haviam sido constatadas nas análises acima.

Assim como com o termo *protagonismo infantil*, muitas pesquisas estavam relacionadas com as áreas da saúde, 33 dos resultados. A palavra *saúde* apareceu 14 vezes associada a termos como educação e saúde, política em saúde, saúde da criança, saúde da mulher, saúde da família, sistema de saúde. Destes 33 resultados, 14 estavam diretamente relacionados com crianças ou a escola, e oito deles relacionados a questão da amamentação e saúde maternal.

Este foi apenas um parênteses, por que foram resultados bastante consideráveis nos dados observados, e de uma certa maneira mostram que a cultura infantil também está relacionada a saúde da criança.

Assim como visualizado no termo *sociologia infância*, as pesquisas relacionadas a essa temática são recentes e possuem maior incidência a partir de 2009. Assim como no caso do gráfico feito para a pesquisa sobre Sociologia

da Infância, os dados de 2016 não se referem ao conjunto total de publicações no ano em decorrência da data de realização da coleta de dados. Abaixo gráfico que quantifica as pesquisas ao longo dos anos:



Fonte: Dados de pesquisa

O que podemos concluir é que as pesquisas relacionadas ao termo *cultura infantil* começam a aparecer na virada do século XXI. Como vimos acima, muitas dessas pesquisas não estão relacionadas ao nosso tema de estudo, que é o caso da pesquisa de 1994, que é uma pesquisa que estado nutricional de crianças menores de cinco anos em aldeias indígenas⁴. Mas em 1999 aparece a primeira pesquisa em cultura infantil nos termos que apresentamos aqui, que é um estudo de Ana Lúcia Goulart de Faria⁵, importante nome nas pesquisas de Educação Infantil.

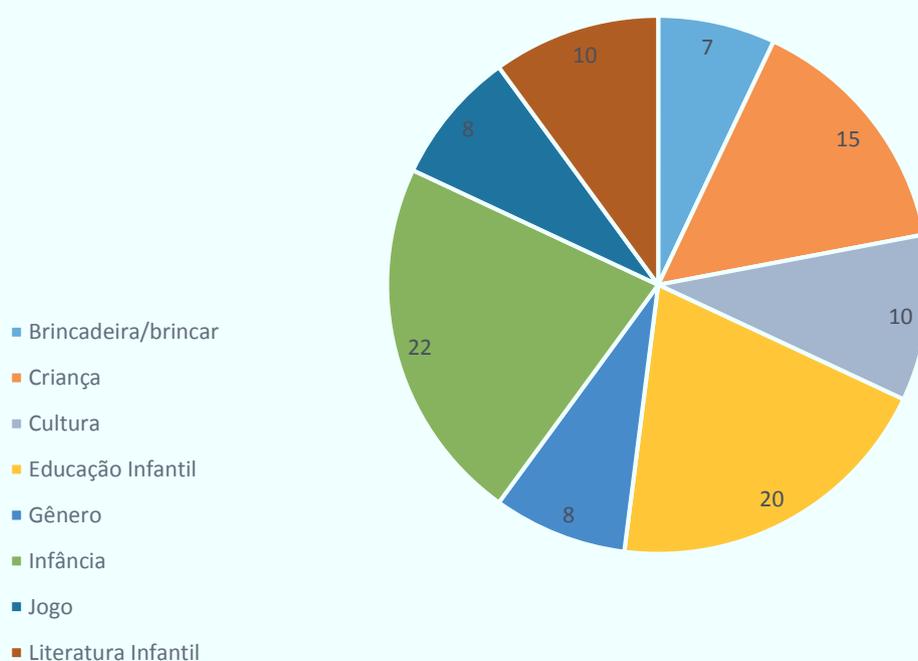
⁴ Pesquisa de Sandro J. Martins e Raimundo C. Menezes (1994) sobre a "Evolução do estado nutricional de menores de 5 anos em aldeias indígenas da Tribo Parakanã, na Amazônia Oriental Brasileira (1989-1991)". Nesta pesquisa não estava entre as palavras-chave nada relacionado a cultura infantil, porém podemos entender que a pesquisa apareceu dentre as que estudavam Cultura Infantil por estar relacionada ao estudo com crianças.

⁵ Trabalho de Ana Lúcia Goulart de Faria, "A contribuição dos parques infantis de Mário de Andrade para a construção de uma pedagogia da Educação Infantil". O artigo fala sobre os Parques Infantis do Departamento de Cultura da

Abaixo coloco um outro gráfico importante sobre as palavras-chave encontradas que nos ajuda a entender o que essas pesquisas estão dizendo.

Assim como na pesquisa realizada sobre *sociologia infância*, os termos *criança* e *infância* apareceram frequentemente, especificamente 37 vezes. O que foi concluído acima é que são palavras que já esperávamos aparecer devido ao caráter e objeto de estudo sobre culturas infantis. Assim como a palavra *cultura*, que já aparece no termo pesquisado, era esperado. As palavras que não derivam diretamente das palavras utilizadas na busca e que mais apareceram foram: brincadeira/brincar; Gênero, Jogo e Literatura infantil.

Palavras-Chave em pesquisas sobre Cultura Infantil



Fonte: Dados de pesquisa

Foi muito significativo aparecerem os termos *brincadeira/brincar*, *jogo* e *literatura infantil*, que foram encontrados em 25 pesquisas. Estes são elementos propriamente do universo da criança. Utilizando as ideias colocadas acima pelos autores como Quinteiro e Corsaro, que compreendem que o cotidiano, a rotina

Prefeitura Municipal de São Paulo, na gestão Mário de Andrade. A partir da experiência educacional com o folclore e a diversidade étnica brasileira, os filhos da família operária da época tinham o direito a infância garantido através das artes e jogos tradicionais infantis.

e a convivência entre crianças trazem consigo as marcas de sua cultura, podemos inferir que os momentos de brincadeira, jogo e leitura são fundamentais para a construção da infância. As autoras Abramowicz e Oliveira ainda apontam que estes momentos de brincadeira não são aqueles colocados pela Pedagogia como “estratégia de aprendizagem” e sim aqueles onde as crianças criam, imaginam, se expressam através da brincadeira espontânea, momento onde se expressa vivamente o protagonismo infantil e a cultura de pares.

As pesquisas que tinham esses termos como palavras-chave estavam relacionadas ao corpo, a Educação Física, linguagem corporal, imaginário, lúdico, corpo brincante, meios de comunicação, universo infantil, diversidade, valores, contexto escolar, movimento, desenvolvimento infantil, relações, transmissão cultural, entre outros temas. O que nos aponta que, a *brincadeira*, o *jogo* e a *literatura infantil* despertam diversos aspectos na vida da criança e são compreendidos como espaços de manifestação e produção das culturas infantis (ou da cultura infantil, já que o termo varia, sendo usado no singular ou no plural dependendo do autor utilizado). O que nos aponta, inevitavelmente para o espaço onde muitas dessas crianças se encontram: a escola ou os centros de educação infantil.

Sendo a escola o espaço onde as crianças passam grande parte de seu tempo, muita dessa cultura infantil é construída a partir das experiências vividas pelas crianças dentro da escola. Considerando também que a escola é o espaço onde o sujeito se torna social, ou seja, deixa de ser exclusivamente familiar e passa a interagir com um mundo diferente do da casa. É nesse espaço que as crianças convivem com diferentes vidas, jeitos de ser e pensar, entram em contato com culturas diversas. Assim, entramos no termo *Educação Infantil*, o segundo que mais apareceu nas pesquisas sobre cultura infantil (vinte vezes), mostrando que este momento da primeira infância são de extrema importância para o aparecimento de culturas infantis.

Outro termo muito significativo que aponta uma discussão que ainda não tinha aparecido nesta pesquisa foi *gênero*, tema que aparece em oito pesquisas. Essas pesquisas abordam relações gênero que aparecem em diversos momentos da vida infantil.

Uma das pesquisas procura entender a mídia e como a criança interpreta o desenho animado. Há uma cultura produzida pelas meninas a partir dessa mídia e do controle adulto sobre os programas de televisão. Outra pesquisa mostra a construção de significados de gênero e cultura infantil nos *clubinhos* de crianças. Outro estudo apresenta teatros infantis que questionam os estereótipos de gênero, outra se propõem a pensar questões de gênero e sexualidade infantil na cultura do cinema e midiática. Uma outra ainda pesquisa gênero nas canções infantis.

Ou seja, o desenho animado, o teatro, o cinema, a música, os clubes infantis, são espaços que fazem parte da cultura infantil e estão repletos de estereótipos de gêneros. São espaços onde se criam culturas infantis pela sua presença e importância na vida infantil.

De modo geral, entendendo que o termo cultura infantil está relacionado com as experiências vividas pelas crianças em coletivo a partir de jogos, brincadeiras, leituras, preocupações, rotinas entre outros momentos, este se relaciona com a Sociologia da Infância no momento em que entendemos a criança como ator social. Se esta criança, que constrói sua cultura a partir das suas experiências no coletivo, contribui para a sociedade como um todo, ela é um participante social ativo.

6. INTERFACES ENTRE SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA, PROTAGONISMO INFANTIL E CULTURA DE PARES

“Leave us kids alone!”
Pink Floyd

Esta pesquisa se preocupou em buscar entender melhor estes três temas: Sociologia da Infância, protagonismo infantil e cultura de pares, e procurou estabelecer uma ligação entre eles. Após muito estudo, leitura e análise de dados, é possível estabelecer uma linha que une essas três percepções da infância.

A Sociologia da Infância, como colocado acima, é um campo de estudo da infância, que tem se modificado ao longo dos anos até, recentemente, se estabelecer como uma Nova Sociologia da Infância que abarca os conceitos cultura de pares e protagonismo infantil para seu entendimento. Compreendo que, dentro deste grande campo de estudo que é a Sociologia da Infância, a cultura infantil e a participação das crianças nas tomadas de decisões são fundamentais para entender a criança como ator social.

O estudo da Sociologia da Infância abraça conceitos de protagonismo infantil e cultura de pares, uma vez que são dois exemplos de participação da criança na sociedade. O que a Sociologia da Infância procura mostrar é que a criança é construtora de cultura e é capaz de interferir na cultura adulta também, como afirma William Corsaro (2011). A partir das brincadeiras, jogos imaginários, preocupações do grupo, conflitos, rotina entre outros momentos, as crianças criam uma cultura que pertence a elas. Em coletivo, elas conseguem criar, tomar decisões, resolver situações e serem protagonistas da sua própria história.

Porém, para compreender esta ideia de criança como ator social, é necessário que haja uma mudança na visão de adulto e criança, e isto é posto tanto nos estudos de Sociologia da Infância, como nos de cultura e participação infantil. Neste sentido autores como Pires e Branco (2007) e Quinteiro (2002), mostram que é necessário desconstruir o abismo que existe entre a criança e o adulto, e que estes não são seres rasos que necessitam ser preenchidos com o conhecimento adulto. As crianças possuem conhecimentos e percepções e há construção de conhecimento no mundo infantil.

Importante colocar que adultos e crianças assumem responsabilidades diferentes, ou seja, as preocupações infantis não são do mesmo caráter que as do adulto. Portanto é necessário frisar que o atual momento social que vivemos, que separa “o mundo entre crianças e adultos, não facilita este tipo de configuração e compartilhamento de responsabilidade e compromissos” (PIRES e BRANCO, 2007, p. 317).

E por que é tão difícil para o adulto compreender a participação da criança no mundo? Abramowicz e Oliveira colocam que “por vezes o cardápio de sentidos que dispomos é insuficiente para compreender estas falas. A criança é portadora da diferença, da diversidade e da alteridade” (ABRAMOWICZ e OLIVEIRA, 2002, p.44).

É preciso que as sociedades valorizem as capacidades das crianças. É preciso superar a ideia de incapacidade das crianças para que a participação infantil seja uma realidade social.

Portanto, as ideias que trazem a Sociologia da Infância, protagonismo infantil e cultura de pares, exigem uma mudança de pensamento em relação à criança e a infância. É preciso permitir que os espaços onde as crianças frequentam permitam a participação e criação por elas. Por vezes, isso não acontece por que não temos o hábito de perguntar, muito menos ouvi-las. É preciso ouvir as crianças, mas o que o mundo faz é abafar cada vez mais as crianças, deixando-as silenciadas e sem poder de participação.

Desta forma, podemos perceber no decorrer do trabalho que este campo de estudo tem crescido ao longo dos últimos anos e que é possível, e é preciso, dar a vez para as crianças.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Eu não caibo mais nas roupas que eu cabia
Eu não encho mais a casa de alegria.
Os anos se passaram enquanto eu dormia
E quem eu queria bem me esquecia.*

*Será que eu falei o que ninguém ouvia?
Será que eu escutei o que ninguém dizia?
Eu não vou me adaptar,
Não vou me adaptar!
Não vou!”*

Nando Reis e Arnaldo Antunes

Este trabalho trouxe muitas reflexões sobre o estudo da criança e da infância. Desde a perspectiva histórica até o que hoje está sendo estudado sobre a Sociologia da Infância, este campo em construção.

As análises dos dados recolhidos pelos artigos encontrados no Scielo, mostram com clareza como é recente o estudo sobre esses assuntos, tanto Sociologia da Infância, como cultura de pares e protagonismo infantil. No Brasil, é somente em 1990 que os trabalhos começam a surgir e crescem até os dias de hoje. Assim, é possível concluir que ainda é preciso mais pesquisas sobre os temas. Inclusive por que, analisando a proposta deste trabalho, que foi buscar o que se tem produzido sobre a Sociologia da Infância e qual a relação entre os temas cultura de pares e protagonismo infantil, percebemos que este campo ainda está em processo de consolidação.

Neste sentido se faz necessário ampliar os estudos sobre este campo. É importante frisar uma preocupação das autoras Abramowicz e Oliveira (2010) que apontam que a maior parte dos estudos são realizados dentro dos espaços escolares, que são predominantemente ocupados por crianças. As autoras se perguntam, portanto, se em outros espaços há existência de cultura infantil autônoma.

Há autores que sugerem que talvez o que estamos chamando de cultura infantil exista mais nos espaços e tempos nos quais as crianças têm algum grau de poder e controle. É o caso dos pátios da escola, no recreio, nos parques de recreação, existentes nas escolas, nos tempos

vagos existentes nas rotinas criadas pelos adultos, nos grupos das ruas, *pois são espaços em que geralmente as crianças estão livres do olhar adulto* (ABRAMOWICZ e OLIVEIRA, 2010, p. 42, grifo do autor)

Nesse sentido é decisivo o papel do adulto nas relações de poderes que se estabelecem dentro das instituições de educação. Ainda que estes sejam espaços onde a presença das crianças é predominante, faz-se necessário que os adultos promovam a participação das crianças e criar espaços na qual elas participem dos processos decisórios. Caso contrário, apaga-se por completo a participação infantil dentro do coletivo, e é o que vemos nas práticas sociais hoje existentes: a negação sucessiva das ações das crianças.

Portanto, mais uma vez friso que para entender a criança como ator social, é preciso mudar a visão atual de superioridade do adulto sobre a “criança vazia”. É necessário ouvir as crianças, para que os adultos possam entendê-las melhor. Compreendê-las a partir da visão *delas* e não do adulto. É preciso perguntar mais, conversar mais, dar mais espaços para os pequenos.

É preciso ouvir as crianças.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, A.; OLIVEIRA, F. de. A sociologia da infância no Brasil: uma área em construção. *Revista do Centro de Educação*, Santa Maria: vol. 35, num. 01, p. 39-52, jan./abr., 2010.

BELLONI, Maria Luiza. Infância, Mídias e Educação: revisitando o conceito de socialização. *PERSPECTIVA*, Florianópolis, v. 25, n. 1, 41-56, jan./jun. 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB, 2010

CORSARO, William A. *Sociologia da Infância* 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2011

CORSARO, William A et al. *Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro*. Organizado por Fernanda Müller e Ana Maria Almeida Carvalho. São Paulo: Cortez, 2009.

DURKHEIM, Émile. *Educação e Sociologia*. 11ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

FARIA, A. L. G., A contribuição dos parques infantis de Mário de Andrade para a construção de uma pedagogia da educação infantil, *Educação & Sociedade*, vol, 20, n. 69, p. 60-91, Dez. 1999

FERNANDES, Florestan. As “Trocinhas” do Bom Retiro: contribuições do Estudo Folclórico e Sociológico da Cultura e dos Grupos Infantis. *Pró-Posições*, v. 15, n. 1 (43), jan./abr. 2004.

GERHARDT, Tatiana Engel et al. *Métodos de pesquisa*. Organizado por Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira. Série Educação a Distância, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

JEKS, C. (org.). *The Sociology of childhood. Essential readings*. Brookfield, VT: Gregg Revivals, 1982

MARTINS, S. J.; MENEZES, R. C., Evolução do estado nutricional de menos de 5 anos em aldeias indígenas da Tribo Parakanã, na Amazônia Oriental Brasileira (1989-1991), *Revista de Saúde Pública*, vol. 28, n. 1, p. 1-8, Fev. 1994

MOLLO-BOUVIER, Suzzane. Transformação dos modos de socialização das crianças: uma abordagem sociológica. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 391-403, Maio/Ago, 2005.

MAUSS, M. Três observações sobre a sociologia da infância. *Pro-Posições*, vol.21, no.3 Campinas Sept./Dec. 2010

OPIE, I; OPIE, P. (eds.) *The Oxford Dictionary of Nursery Rhymes*. Oxford: OUP, 1951

PIRES S. F. S.; BRANCO, A. U. Protagonismo infantil: co-construindo significados em meio às práticas sociais. *Paidéia*, 2007, v.17 n.38, p. 311-320

POOPER, Karl. *A lógica da pesquisa científica*. Parte I: introdução a lógica científica (p. 27-58). 14ª ed. São Paulo: Cultrix, 2007

PROUT, Alan. Reconsiderando a nova Sociologia da Infância. *Cadernos de Pesquisa*, v. 40, n. 141, p. 729-750, set/dez 2010.

QUINTEIRO, Jucirema. Sobre a emergência de uma sociologia da Infância: contribuições para o debate. *Perspectiva*, Florianópolis: v. 20, n.Especial, p. 137-162, jul./dez 2002.

QVORTRUP, J. Nove teses sobre a “infância como fenômeno social”. *Pro-Posições*, Campinas, v. 22, n. 1 (64), p. 199-211, jan./abr. 2011

SILVA, Cleber Fabiano da; RAITZ, Tânia Regina; FERREIRA, Valéria Silva. Desafios da Sociologia da Infância: uma área emergente. *Psicologia & Sociedade*, Itajaí: Março, n° 21, p. 75-80, 2009.

STEARNS, P. *A infância*, São Paulo: ed. Contexto, 2006

TEBET, Gabriela Guarnieri de Campos. *Isto não é uma criança! Teorias e métodos para o estudo de bebês nas distintas abordagens da sociologia da infância de língua inglesa*. 2013. Tese (Doutorado). Universidade Federal de São Carlos.

APÊNDICE I - Sociologia da Infância

Sociologia infância	Título da Pesquisa	Nome do(s) autor(es)	Ano	Palavras-chave
1	"Os desafios da pesquisa ética com crianças"	Rosângela Francischini; Natália Fernandes	2016	Direito da criança; ética; pesquisa com crianças
2	"Sob o olhar das crianças: o processo de transição escolar da educação infantil para o ensino fundamental na contemporaneidade"	Edilmar Borges; Rosânia Campos	2015	Políticas públicas para educação; educação infantil; ensino fundamental; prática pedagógica
3	"Gritos sem palavras: resistência das crianças pequenininhas negras frente ao racismo"	Flávia Santiago	2015	Racismo; crianças pequenininhas negras; Educação Infantil; Culturas Infantis
4	"O letramento e o brincar em processos de socialização na educação infantil: brincadeiras diferentes"	Vanessa F. A. Neves; Maria Lúcia Castanheira; Maria Cristina S. Gouvêa	2015	Brincar; letramento; educação infantil; etnografia internacional
5	"Bonecos com corpos velhos: o que dizem as crianças sobre o envelhecimento"	Leni Vieira Dornelles	2015	Bonecos; crianças; envelhecimento; corpo; pesquisa com crianças
6	"Corsaro WA. Sociologia da infância. Porto Alegre: Artmed; 2011"	Martha Cristina N. Moreira; Waldir da Silva Souza	2015	
7	"Ler e escrever, ver, ouvir e contar histórias em família: o caso de Pedro Nava (Minas Gerais, início do século XX)"	Juliana Ferreira de Melo; Ana Maria de Oliveira Galvão	2014	Culturas do escrito; herança cultural; leitura; escrita e oralidade; história da educação
8	"Espaço escolar e discriminação: significados de gênero e raça entre crianças"	Tânia Mara Cruz	2014	Discriminação; gênero; raça; meninas; anos iniciais
9	"Contribuições para a fisioterapia a partir dos pontos de vista das crianças"	Kadine Priscila B. dos Santos; Valéria Silva Ferreira	2013	Educação especial; fisioterapia; infância; terapia lúdica; humanização
10	"Do outro lado da cidade: crianças, urbanização e violência na área metropolitana de Lisboa"	Maria João Leote de Carvalho	2013	Crianças; violência; ecologia social; metodologias visuais
11	"Relações de idade e geração na Educação Infantil: ou porque é bem mais melhor a gente ser grande"	Patrícia Dias Prado	2013	Educação infantil; idade; geração; culturas infantis
12	"Eventos interacionais e eventos de letramento: um exame das condições sociais e semióticas da escrita em uma turma de educação infantil"	Maria Lúcia Castanheira; Vanessa F. A. Neves; Maria Cristina S. de Gouvêa	2013	Letramento; educação infantil; etnografia internacional
13	"As crianças e as notícias da televisão"	Maria Inês de Carvalho Delome	2013	Crianças; notícias; televisão; participação social

14	"Violência na escola, processos de socialização e formas de regulação"	João Sebastião	2013	Violência na escola; políticas educativas; socialização infantil
15	"Os determinantes socioeconômicos do estado de saúde das crianças do Brasil rural"	Anderson M. A. dos Santos; César Augusto Oviedo; Fernanda Ewerling	2012	Saúde das crianças; Brasil rural; determinantes socioeconômicos
16	"Crianças no tempo presente: a sociologia da infância no Brasil"	Maria Walburga dos Santos	2012	
17	"Análisis de implicación de educadores de niños y niñas em riesgo de calle: el trabajo em una organización de asistencia social em la Ciudad de México"	Griselda Albarrán; Berta Elvia Taracena-Ruiz	2012	Crianças; risco; rua; educação; envolvimento e educadores; grupo de pesquisa e envolvimento; sociologia clínica
18	"Inmigración y racismo: experiencias de la niñez peruana em Santiago de Chile"	Iskra Pavez Soto	2012	Niñez migrante; racismo. Discriminación
19	"Usos sociais das fotografias em espaços escolares destinados à primeira infância"	Marcia Gobbi	2011	Sociologia da imagem; fotografias; primeira infância
20	"Relações e conflitos entre crianças na Educação Infantil: o que elas pensam e falam sobre isso"	Bianca Rodriguez Corsi	2011	Infância; conflito; Wallon; sociologia da infância; cultura
21	"Virginia Bicudo: uma história da psicanálise brasileira"	Maria Helena Indig Teperman; Sonia Knopf	2011	
22	"Norbert Elias. Uma sociologia da cultura escrita"	Andréa Borges Leão	2011	Sociologia histórica; sociologia da cultura escrita; civilização dos pais
23	"A passagem da educação infantil para o ensino fundamental: tensões contemporâneas"	Vanessa F. A. Neves; Maria Lúcia Castanheira; Maria Cristina S. Gouvêa	2011	Educação infantil; Ensino fundamental; transição; Cultura de pares
24	"De crianças a alunos: transformações sociais na passagem da educação infantil para o ensino fundamental"	Flávia Miller Naethe Motta	2011	Crianças; alunos; transição entre a educação infantil e o ensino fundamental
25	"A tensão da diversidade: e seus riscos"	Jens Qvortrup	2010	Infância; diversidade; abordagem metodológica; categoria geracional; pesquisa
26	"Corpo e infância: natureza e cultura em confronto"	Marcia Buss-Simão; Francisco E. de Medeiros; Ana Márcia Silva; José J. S. Filho	2010	Infância; corpo; natureza; cultura
27	"Três observações sobre a sociologia da infância"	Macel Mauss	2010	
28	"Participação social e protagonismo: reflexões a partir das Conferências de Direitos da Criança e do Adolescente no Brasil"	Ana Paula L. de Souza; Lirene Finkler; Débora D. Dell'aglio; Sílvia H. Koller	2010	Direitos da criança e do adolescente; participação; sociologia da infância; cidadania
29	"Reconsiderando a nova sociologia da infância"	Alan Prout	2010	Sociologia; infância; antropologia; crianças
30	"A infância enquanto categoria estrutural"	Jens Qvortrup	2010	Infância; Estrutura social; Sociologia da infância
31	"Participar como niña o niño em el mundo social"	Silvia Paulina Díaz	2010	Infância; participação; reconhecimento; inclusão

32	"O agronegócio e o problema do trabalho infantil"	Joel O. Bevilaqua Marin	2010	Agronegócio; globalização; trabalho infantil; direitos de infância; exploração
33	"O 'ofício de aluno' e o 'ofício de criança': articulações entre a sociologia da educação e a sociologia da infância"	Rita de Cássia Marchi	2010	Sociologia da educação; sociologia da infância; ofício de aluno; ofício de criança
34	"Infância e risco social: retratos da imprensa portuguesa"	Maria João Leote de Carvalho; Levina Ferreira	2009	Infância; risco social; comunicação social; cidadania; direitos das crianças
35	"O protagonismo da criança no cenário hospitalar: um ensaio sobre estratégias de sociabilidade"	Maria C. N. Moreira; Aline D. de Macedo	2009	Infância; doença crônica; humanização; sociologia da infância
36	"Desafios da Sociologia da Infância: uma área emergente"	Cleber F. da Silva; Tânia R. Raitz; Valéria S. Ferreira	2009	Sociologia da infância; educação infantil; prática docente
37	"A infância roubada: uma reflexão sobre a clínica contemporânea"	Myrna P. Favilli; Bernardo Tanis; Maria C. A. Mello	2008	
38	"O conceito 'socialização' caiu em desuso? Uma análise dos processos de socialização na infância com base em Georg Simmel e George H. Mead"	Tamara Grigorowitschs	2008	Processos de socialização; self; sociologia da infância; George Simmel; George H. Mead
39	"Práticas de socialização entre adultos e crianças, e estas entre si, no interior da creche"	Altino José Martins Filho	2008	Educação Infantil; socialização; culturas infantis
40	"Vinte anos de MST: a psicologia nesta história"	Eliane Domingues	2007	MST; estado da arte; pesquisa bibliográfica
41	"Movimentos sociais e experiência geracional: a vivência da infância no Movimento dos Trabalhadores sem Terra"	Luciana O. Correia; Maria Amélia G. C. Giovanetti; Maria Cristina S. Gouvêa	2007	Infância; movimento social; identidade; socialização
42	"Imaginário e deslocamentos nas representações de brincadeiras"	Renata Sieiro Fernandes	2006	
43	"Papéis sexuais e hierarquias de gênero na História Social sobre infância no Brasil"	Luzinete Simões Minella	2006	Gênero; infância; papéis sexuais; estudos histórico-sociais
44	"O camponês e seu corpo"	Pierre Bourdieu	2006	Celibato; casamento; campesinato; habitus; cultura local; relações de gênero; Béarn
45	"O camponês e a fotografia"	Pierre Bourdieu e Marie-Claire Bourdieu	2006	Fotografia; campesinato; tecnologia; parentesco; estética; cultura local; Béarn
46	"Denominações na infância: do anormal ao deficiente"	Eric Plaisance	2005	Criança deficiente; direitos da criança; escolarização
47	"Transformação dos modos de socialização das crianças: uma abordagem sociológica"	Suzanne Mollo-Bouvier	2005	Socialização; crianças; sociologia da infância
48	"Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância"	Manuel Jacinto Sarmento	2005	Infância; geração; sociologia da infância; criança; alteridade
49	"As práticas educativas parentais e a experiência das crianças"	Cléopâtre Montandon	2005	Sociologia da infância; educação; pais; autonomia; representações

50	"Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas"	Ana Cristina Coll Delgado; Fernanda Muller	2005	Crianças; métodos de pesquisa; infância; cultura
51	"As mulheres professoras, as meninas leitoras e o menino leitor: a iniciação no universo da escrita no patriarcalismo rural brasileiro. Uma leitura a partir de Infância de Graciliano Ramos"	Ana Lúcia G Pinto; Roseli A. C. Fontana	2004	Leitura; escrita; letramento; práticas escolares e não-escolares
52	"Cultura infantil: a construção corporativa da infância"	Bernadete Mourão	2004	
53	"Para uma sociologia da pequena infância"	Eric Plaisance	2004	Pequena infância; socialização; escola maternal; currículo; cultura
54	"Infância e globalização: análise das transformações econômicas, políticas e sociais"	Irene Rizzini	2004	Globalização; infância; juventude; transformações políticas; econômicas e sociais
55	"Cobertura jornalística da infância: definindo a 'criança internacional'"	Cristina Ponte	2002	crianças; jornalismo; notícia; imagem
56	"Metodologias de pesquisa empírica com crianças"	Sílvia Sara Souza Saramago	2001	Crianças; entrevista-conversa; textos ilustrados e legendados; relato das observações empíricas
57	"Sociologia da infância: balanço dos trabalhos em língua inglesa"	Cléopâtre Montandon	2001	Infância; sociologia; revisão de literatura
58	"Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar"	Régine Sirota	2001	Éducation et sociétés; sociologia; infância; análise de conteúdo
59	"Expansão da educação infantil e processos de exclusão"	Fúlvvia Rosemberg	1999	Educação infantil; relações de gênero; relações raciais; formação de professores

APÊNDICE II – Protagonismo Infantil

Protagonismo Infantil	Título da Pesquisa	Nome dos Autores	Ano	Palavras-chave
1	La ampliación de la participación infantil em México: Uma aproximación a sus razones, obstáculos y condiciones	Abraham Osorio Ballesteros	2016	participación infantil; razones jurídico-políticas y sociales; obstáculos; condiciones
2	El trabajo infantil rural em México e Argentina. El caso de dos complejos agroindustriales	Sarai Miranda Juárez; Daniel Alberto Re	2015	complexos agroindustriais; trabalho infantil; Argentina; México
3	Jogo e protagonismo da criança na educação infantil	Livia C de Assis; André S. Mello; Amarílio F Neto; Wagner dos Santos; Omar Schneider	2015	Jogo; Educação Física; Educação Infantil; Protagonismo
4	Compreensão do vivido do ser-casal diante da profilaxia da transmissão vertical do HIV	Tassiane F. Langendorf; Stella Maris de M Pandoim; Cristiane C de Paula; Ivis E Souza	2015	HIV; Transmissão vertical de doença infecciosa; cuidadores; enfermagem; filosofia em enfermagem; Objetos de desenvolvimento do Milênio
5	Crecimiento, nutrición temprana en el niño y riesgo de obesidad	Coromoto Macías-Tomei; Marianella H. Hernández; Mariana M. Elizondo; Daniela Useche	2014	Nutrición temprana; obesidad; Enfermedades crónicas relacionadas com la nutrición; lactancia humana; alimentación complementaria; niños
6	La construcción de la identidad através de la adopción intercultural em la literatura infantil y juvenil contemporánea	Noelia Ibarra; Josep Ballester	2014	Identidad; literatura infantil y juvenil; educación literaria e intercultural; adopción
7	Gênero e culturas infantis: os clubinhos da escola e as trocinhas do Bom Retiro	Tânia Mara Cruz	2012	Culturas infantis; relações de gênero; ensino fundamental; séries iniciais
8	Programa de erradicação do trabalho infantil: ações extesionistas e protagonismo	Alberto; Borges; Pessoa; Sousa; Araújo; Vaz; Farias; Mendes	2012	trabalho infantil; direitos da criança; empoderamento; psicologia social
9	Trabajo educativo y desarrollo de valores em estudiantes de medicina del Hospital Infantil Sur de Santiago de Cuba	Gudelia B. T. Brizuela; Carlos M. G. Brizuela; Yasel G. Brizuela	2011	estudiante de medicina; desarrollo de valores; estrategia educativa; médico general integral básico; hospital pediátrico
10	Cuidado humanizado no pré-natal: um olhar para além das divergências e convergências	Maria F. M. Zampieri; Alacoque L. Erdmann	2010	cuidado pré-natal; humanização da assistência; filosofia
11	Hacia una recuperacion de la subjetividad em el proceso de conocer en el contexto escolar: la pregunta por el saber em niños y niñas de educacion basica chilena	Mónica Peña Ochoa	2010	niñez; escuela; educacion; conocimiento
12	Cultura, self e autonomia: bases para o protagonismo infantil	Sergio F. S. Pires; Angela Uchoa Branco	2008	self; autonomia; participação infantil; protagonismo infantil
13	Las investigaciones sobre promoción y educación para la salud em las etapas de infantil y primaria de la escuela española: una revisión de los estudios publicados em 1995 y 2005	Mari C. Davó; Diana Gil-Golzález; Carmen Vives-Cases; Carlos Álvarez-Dardet; Daniel La Parra	2008	revisión; promoción de la salud; educación para la salud; escuela primaria

14	Protagonismo Infantil: co-construindo significados em meio às práticas sociais	Sergio F. S. Pires; Angela Uchoa Branco	2007	participação infantil; protagonismo infantil; conceito de infância; visibilidade infantil
15	Violência contra crianças e adolescentes: questão social, questão de saúde	Maria Cecília de Souza Manayo	2001	Violência; criança maltratada; adolescência; saúde infantil (saúde pública); saúde pública

APÊNDICE III – Cultura de Pares

Cultura infantil	Título da Pesquisa	Nome dos Autores	Ano	Palavras-chave
1	"O público infantil nos Museus"	Cristina Carvalho; Thamiris Lopes	2016	Educação; Infância; Museus
2	"El espacio de la literatura infantil y juvenil em el sistema literario"	Xavier Mínguez-López	2016	Literatura infanto y juvenil; campo literario; habitus; teoría de los polisistemas; sistema literario
3	"O positivismo e a literatura infantil: desmistificando a doxa e mitificando a ciência"	Celdon Fritzen; Gladir da S. Cabral; Carlos R. Carola	2016	Literatura infantil; CNLI; Inep; Estado Novo
4	"'Confúcio e o menino sem nome': intertextualidade e adaptação"	Márcia Schmalz	2016	Tradução chinesa e português; literatura infanto-juvenil; cultura chinesa; filosofia chinesa
5	"Educação Infantil: tempo integral ou educação integral?"	Maria C. S. Barbosa; Sandra R. S. Richter; Ana C. C. Delgado	2015	Turno integral; educação infantil; creche; pré-escola; educação integral
6	"Comparación de prácticas inclusivas de docentes de servicios de educación especial y regular em México"	Ismael G. Cedillo; Silvia R. Contreras; Silvana R. Rubio; Vasthi J. F. Barrera; Araceli M. Ramírez	2015	Educação inclusiva; práticas inclusivas; docentes; estudantes con discapacidad; México
7	"Sensorialidade para crianças: o paladar na Educação Física escolar"	Leys E. S. Soares; Ana R. o. França; Anielle C. A. Brandão; Pierre N. G. da Silva	2015	Percepção; Jogo; Corporeidade; Educação Física; Infância
8	"Josep Goday e o mobiliário escolar espanhol da primeira metade do século 20"	Jauri S. Sá	2015	cultura material escolar; arquitetura escolar; mobiliário escolar
9	"Walter Benjamin e a experiência infantil: contribuições para a educação infantil"	Sandro V. S dos Santos	2015	crianças; educação infantil; experiência; infância; Walter Benjamin
10	"Cultura dos alunos na pré-escola e na "escola primária""	Ruth B. de Sant'Ana	2015	Criança; pré escola; ensino fundamental; cultura; alunos
11	"Los niños com sujetos sociales: notas sobre la antropología de la infancia"	Daniel Calderón Carrillo	2015	Niños; infancia; representaciones; derechos del niño; adultocentrismo
12	"Interações; práticas; políticas e modos de gestão: o referencial histórico cultural nas teses e dissertações do grupo INFOC de 2003 a 2013"	Alexandra Pena; Leonor P. B. de Toledo; Silvia N. Barbosa	2015	Vigotski; produção acadêmica; pesquisa
13	"A psicologia histórico-cultural em diálogo: a trajetória de pesquisa de GEPSA"	Maria F. C. Gomes; Vanessa F.A. Nevez; Isabela C. Dominici	2015	psicologia histórico-cultural; GEPSA; crianças; eventos de letramentos
14	"La explotación sexual comercial infantil em la ciudad de Bucaramanga: análisis y propuestas de intervención socio-sanitaria"	Carmen A. Nieto; Manuel L. Abad; Maria L. G. Gascón; Rosa L. Montilla	2015	

15	"Crianças e games na escola: entre paisagens e práticas"	Monica Fantin	2015	crianças; jogos; educação e cultura; aprendizagem
16	"Perspectiva cultural del desarrollo infantil em las instituciones de protección"	Esteban G. Serna	2015	desarrollo infantil, cultura institucional, constitución, perspectiva normativa del desarrollo, perspectiva cultural del desarrollo
17	"Alimentação complementar do lactante: adaptação e avaliação de tecnologia de apoio para pais cegos portugueses"	Kariane G. Cezario; Margarida S.N. Abreu; Lorita M. F. Pagliuca	2014	nutrição infantil; pessoas com deficiência; enfermagem
	"Desenvolvimento da personalidade da criança: o papel da educação infantil"	Michelle F. Bissoli	2014	Educação infantil; vigotsky; personalidade da criança
19	"Práticas alimentares no primeiro ano de vida: representações sociais de mães adolescentes"	Ana P. E. Lima; Marly Javorski; Rosemary J.M. Amorim; Sheyla C. Oliveira; Maria G. L. Vasconcelos	2014	Adolescente; aleitamento materno; nutrição do lactante; hábitos alimentares; educação em saúde
20	"Integração saúde e educação: contribuições da psicologia para a formação de educadores de uma creche em sexualidade infantil"	Adriane C. R. Ciaffone; Marivete Gesser	2014	Educadores; desenvolvimento psicosssexual; saúde da família; programa saúde da família
21	"Santa Claus contra los Reyes Magos: influencias transnacionales em el consumo infantil em México (1950-1960)"	Susana Sosenski	2014	Santa Claus; consumo; infancia; americanización; tradiciones
22	"Estrategia de Reformulación em el capítulo El Ankus del Rey de El Libro de la Selva de Rudyard Kipling"	Maria C Zúñiga	2014	adaptacion; estrategias de reformulacion; clasicos literarios; literatura infantil juvenil
23	"The value of grounded theory for disentangling inequalities in maternal-child helthcare in contexts of diversity: a psycho-sociopolitical approach"	Sonia H. Plaza; Betriz Padilla; Alejandra Ortiz; Elsa Rodrigues	2014	
24	"La outra cara de la obesidad: reflexiones para uma aproximacion sociocultural"	Julia N. López; José P. Ramirez; Práxades M. Sanchez	2014	Obesidad; epidemia global; salud; aspectos socio-culturales y problematizacion teorica
25	"A linguagem da cultura corporal sob o olhar de professores da educação infantil"	Monica Caldas Ehrenberg	2014	Educação física; educação infantil; cultura corporal
26	"Educação, literatura e cultura da infância: compreendendo o folclore em Florestan Fernandes"	Patrícia C. P. Porto	2014	Folclore; Literatura; Cultura Infantil
27	"Prevalência de uropatógenos e sensibilidade antimicrobiana em uroculturas de gestantes do Sul do Brasil"	Daniela F. Schenkel; Jessica Dllé; Civate S. Antonello	2014	Infecção urinária; complicações infecciosas na gravidez; resistência microbiana a medicamentos; urianálise; urina
28	"O imaginário do lazer e do lúdico anunciado em práticas espontâneas do corpo brincante"	Soraia Chung Saura	2014	lazer; imaginário; brincar; antropologia; fenomenologia
29	"Formas de salir de casa, o como espacar del Ogro: relatos de filiacion em la literatura chilena reciente"	Lorena Amaro Castro	2014	relatos de filiacion; dictadura chilena; infancia
30	"Infancia y modernidad: José Marti y "Lá Exposicion de Paris""	Maria R.G. Rey	2014	Infancia; modernidade; utopia; pueblos; America Latina
31	"Porque en las lenguas la forma si cuenta"	Consuelo O. Giraldo	2013	oralidad; narrativa; bilinguismo; significacion
32	"El ultraizquierdismo: enfermedad infantil de la academia"	John Beverley	2013	

33	"Teoria da cultura na perspectiva criada pelo ensaio 'o futuro de uma ilusão' de Freud"	Pailo C. Lima	2013	cultura e psicanálise; hermeutica cultural; composição e cultura; música e psicanálise; religião e cultura
34	"Como aumentar la actividade fisica de los niños durante el periodo del recreo em las escuelas"	John J. Chin; David Ludwig	2013	
35	"Das mãos para as mentes: protocolos de civilidade em um jornal escolar/SC (1945-1952)"	Maria T.S. Cunha	2013	jornal escolas; cultura escolar; cultura escrita; História da Educação
36	"Folhas voláteis, papeis anuscritos: o pelotão de saúde no jornal infantil Pétalas (Colégio Coração de Jesus - Florianópolis/SC, 1945-1952)"	Maria T. S. Cunha	2013	jornal infantil; pelotão de saúde; higiene e cultura escolar
37	"Cultura nutricional: La más rápida solución para disminuir la pobreza"	Juan A. J. Guerrero	2013	
38	"La ciudad em sus niños. La calidad de vida em percepción infantil"	Héctor M.R. Betancur; Raquel M. Villamizar; Angela R. Prada	2013	Niños; calidad de vida; subjetividad; percepción; ciudadanía; representación social
39	"La zoología y el diario de los niños (Ciudad de México, 1839-1840)"	Rodrigo Veja y Ortega	2013	Revista História de la Educacion Latinoamericana; zoología; prensa; infancia; divulgacion científica
40	"Los mayas del clásico tardío y terminal: Uma propuesta acerca de la dinámica demográfica de algunos grupos mayas prehispánicos: Jaina Palenque y Copán"	Lourdes M. Monfín; Patricia H. Espinoza	2013	Paleodemografía; mayas; fecundidad; mortalidad
41	"Etnia, nación y jerarquía em libros infantiles estadounidenses sobre México, 1909-1939"	Rachel G. Newman	2013	libros infantiles; México; Estados Unidos; etnia; diferencia
42	"Violência sexual intrafamiliar contra crianças e adolescentes: entre a prevenção do crime e do dano"	Lygia M.P. Silva; Maria G. Ferriani; Marta A. I. Silva"	2012	prevenção e mitigação; defesa da criança e do adolescente; violência sexual
43	"Efectos del contacto com piel del recién nacido com su madre"	Camila L. Raies; Francisca M. Doren; Claudia U. Torres	2012	
44	"La independencia y la interdependencia como valores orientadores de la socialización em el temprana infancia"	Horge M. Jaramillo	2012	independencia; interdependencia; metas de socialización; primera infancia; socialización infantil
45	"Atención prenatal: tenciones o rutas de posibilidad entre la cultura y el sistema de salud?"	Patricia Losso Toro	2012	atención prenatal; salud materna; cultura; sistema de salud
46	"El juego infantil contemporáneo: medios de comunicación, nuevas prácticas y clasificaciones"	Carolina Duek	2012	juego infantil; medios de comunicación; clasificación; cultura
47	"Brincar e mediação na escola"	Mariana S. Navarro; Elaine Prodócimo	2012	brincar; mediação; educação infantil; escola
48	"Olhar viajante: antropologia, criança e aprendizagem"	Neusa M. M. Gusmão	2012	antropologia; criança; aprendizagem; cultura; Mario de Andrade
49	"O brincar na escola: a relação entre o lúdico e a mídia no universo infantil"	Isabelle B. Siqueira; Ingrid D. Wiggers; Valéria P. Souza	2012	cultura corporal de movimento; infância; jogo simbólico; mídia
50	"Patient safety in care circumstances: prevention of adverse events in the hospitalization of children"	William Wegner; Eva N. R. Pedro	2012	Safety, hospitalized child; medical errors; caregivers; health personnel
51	"Cultura visual e homossexualidade na constituição de 'novas' infâncias e 'novos' docentes"	Anderson Ferrari	2012	cultura visual; sexualidade; subjetividades
52	"El lactario em el hospital: um paradigma por resolver desde la promoción la protección la lactancia materna"	Jhon J. B. Roncancio	2012	lactancia materna; promoción; política em salud

53	"Da menina meiga à heroína superpoderosa: infância, gênero e poder nas cenas de picção e da vida"	Raquel G. Salgado	2012	Infância; gênero; cultura midiática
54	"Child feeding practices and household food insecurity among low-income mothers in Buenos Aires, Argentina"	Ana C. Lindsay; Mabel Ferraro; Alejandra Franchello; Raul de La Barrera, Marcia M. T. Machado; Marthe E. Pfeiffer; Karen E. Peterson	2012	qualpesquisa qualitativa; práticas alimentares; mães; segurança alimenta; Argentina
55	"Retratos da avó na literatura infantil contemporânea de Ana Maria Machado e Ruth Rocha"	Tâmara Azevedo; Elaine P. Rabinovich	2012	avós; literatura infantil; relação intergeracional
56	"Gênero e culturas infantis: os clubinhos da escola e as trocinhas do Bom Retiro"	Tânia Mara Cruz	2012	culturas infantis; relações de gênero; ensino fundamental; series iniciais
57	"A psicologia e o Programa "Ler e Escrever": a formação de professores na escola"	Sandra Maria Sawaya	2012	psicologia e formação de professores; psicologia e alfabetização
58	"Teatro infantil, gênero e direitos humanos: um olhar crítico sobre as peças Felizardo e O menino Teresa"	Jorge Knijnik	2011	teatro; infância; gênero; educação; direitos humanos
59	"Arte popular, culturas híbridas y patrimonio inmaterial em El Salvador. El caso particular del payaso Chirajito"	Mario A. M. Martínez	2011	
60	"Relações e conflitos entre crianças na Educação Infantil: o que elas pensam e falam sobre isso"	Bianca R. Corsi	2011	infância; conflito; Wallon; sociologia da infância; cultura
61	"La divulgación radiofónica de la alimentación y la higiene infantil en la España de la Segunda República (1933-1935)"	Josep B. Mestre; Eva T. López; María E. G. Sánchez	2011	radio; educacion sanitaria; puericultura; higiene alimentaria; España
62	"Em cada lugar um brincar: reflexão evolucionista sobre universalidade e diversidade"	Reginalice L. Marques; Ilka D. Bichara	2011	brincadeira infantil; diversidade; perspectiva evolucionista
63	"Considerações sobre a presença do esporte na educação física infantil: reflexões e experiências"	Ana C. Richter; Michelle C. Gonçalves; Alexandre F. Vaz	2011	educação física; educação infantil; esporte; mediação pedagógica
64	"Percepción de factores familiares de riesgo de maltrato infantil em niños y adolescentes em Riesgo Social de La Paz, El Alto; Cochabamba y Santa Cruz"	Bismarck Pinto; Marcela Losantos	2011	
65	"Participación invisible: niñez y prácticas participativas emergentes"	Claudio G. Contreras; Andrés J. Pérez	2011	niñez; participación; políticas públicas; derechos de niños y niñas
66	"Trabalho infantil e desenvolvimento: reflexões à luz de Vigorski"	Maria F. P. Alberto; Denise P. dos Santos	2011	trabalho infantil; desenvolvimento; Vigostki
67	"O que podemos aprender com as crianças indígenas? Aproximações da antropologia da criança às noções de infância, cultura e movimento na educação física"	Iracema Munarim	2011	Infância; corpo; movimento; antropologia da criança
68	"Atualizações em guias alimentares para crianças e adolescentes: uma revisão"	Paula M. Horta; Mariana N. Pascoal; Luana C. dos Santos	2011	Adolescente; criança; guias alimentares; promoção da saúde
69	"Situações familiares na obesidade exógena infantil do filho único"	Letícia R. C. Santos; Elaine P. Rabinovich	2011	Obesidade infantil; filho único; relações familiares

70	"De crianças a alunos: transformações sociais na passagem da educação infantil para o ensino fundamental"	Flávia M. N. Motta	2011	Crianças; alunos; transições entre a educação infantil e o ensino fundamental
71	"A passagem da educação infantil para o ensino fundamental: tensões contemporâneas"	Vanessa F. A. Neves; Maria C. S. Gouvêa; Maria L. Castanheira	2011	Educação infantil; ensino fundamental; transição; cultura de pares
72	"Medos infantis, cidade e violência: expressões em diferentes classes sociais"	Junia de Vilhena; Maria I. G. F. Bittencourt; Maria H. Zamora; Joana V. Novaes; Maira C. R. Bonato	2011	violência; classe social; medo; desenhos
73	"Convención infantil"	Neif M. Guzmán	2011	
74	"O que as crianças podem fazer pela antropologia?"	Flávia Pires	2010	criança; cultura; sociedade; teoria antropológica
75	"A cultura midiática infantil e a construção da noção de tempo histórico"	Alexia P. Franco	2010	tempo histórico; mídia; ensino de história
76	"Oralidade, alfabetização e leitura: enfrentando diferenças e complexidades na escola pública"	Claudemir Belintane	2010	Oralidade; alfabetização; leitura; novos suportes; infantil
77	"Linguagem e desenho no desenvolvimento da criança surda: implicações histórico-culturais"	Claudia C. M. Araújo; Cristina B. F. Lacerda	2010	linguagem; desenho infantil; surdez
78	"Perfil biopsicosocial de la madre y su relación com el abandono de la lactancia materna exclusiva"	M. H. Cardenas; E. Montes; N. Arenas; R. Reina	2010	
79	"Efeito de substratos, luz e sobreposição de papel de filtro na esporulação de <i>Corynespora cassiicola</i> "	Marcia M. Melo; Erlei M. Reis	2010	produção de inóculo; meio de cultura; regime de luz
80	"Educar e cuidar do corpo: biopolítica no atendimento à pequena infância"	Ana C. Richter; Alexandre F. Vaz	2010	Educação Infantil; biopolítica; biopolítica da infância; higienismo
81	"Evolução histórica dos utensílios empregados para alimentar lactantes não amamentados"	Silvia D. Castilho; Antonio A. B. Filho; Monize Cocetti	2010	Amamentação; desmame; alimentação artificial; história
82	"Family support and pregnancy behavior among women in two border mexican cities"	Letícia E. Fernández; Alison Newby	2010	México; fronteira México-Estados Unidos; gravidez não desejada; apoio familiar; comportamentos da saúde durante a gravidez
83	"La biblioteca pública como ambiente educativo para la promoción de la ciudadanía infantil"	Graciela M. Giunti	2010	
84	"Notas para pensar la infancia em la Argentina (1983-2001): figuras de la historia reciente"	Sandra Carli	2010	Infância; Argentina; Globalização; Desigualdade
85	"Hacia una recuperacion de la subjetividad en el proceso de conocer en el contexto escolar: la pregunta por el saber em niños y niñas de educacion basica chilena"	Mónica P. Ochoa	2010	Niñez; escuela; educación; conocimiento
86	"Vermelho, verde e amarelo: tudo era uma vez"	Adélia B. Meneses	2010	literatura e "organização da experiência; Chapeuzinho Vermelho (Perrault); Fita Verde no Cabelo (Guimarães Rosa); Chapeuzinho Amarelo (Chico Buarque); Goethe e a psicologia das cores
87	"O envolvimento paterno no processo da amamentação: propostas de incentivo"	Cleide M. Pontes; Aline C. Alexandrino; Mônica M. Osório	2009	Amamentação; pai; sentimentos; intervenção; nutrição

88	"Crianças com câncer e o atendimento educacional nos ambientes hospitalar e escolar"	Carmen L. A. Rolim; Maria C. R. Goés	2009	crianças com câncer; necessidades educacionais; educação e saúde
89	"Influência de aspectos sociais e culturais na educação com crianças indígenas"	Sonia Grubits; Heloisa B. G. Freire; José A. V. Noriega	2009	guarani-kaiowá; kadiwéu; terena; relações familiares; educação
90	"O cuidado materno no manejo da asma infantil contribuição da enfermagem transcultural"	Maíra D. B. Silva; Leila R. Silva; Inês M. M. Santos	2009	saúde da criança; enfermagem transcultural; enfermagem pediátrica; cuidado da criança
91	"Las revistas infanto-juveniles: sensibilidad y construcción del sí mismo"	Pablo A. V. Sallán	2009	
92	"Crianças de dois anos de idade como coconstrutoras de cultura"	Niina Rutanen	2009	Interação criança-criança; crianças; coconstrução de cultura; creche
93	"Olhando a criança e seus outros: uma trajetória de pesquisa em educação infantil"	Maria C. R. Ferreira; Kátia S. Amorim; Zilma M. R. Oliveira	2009	Educação Infantil; concepções sobre desenvolvimento; interação criança-criança; rede de significações
94	"O jogo como precursor de valores no contexto escolar"	Silvio Sena; José M. Lima	2009	jogo; valores; crianças; socialização
95	"Quietas e caladas: as atividades de movimento com as crianças na Educação Infantil"	Dijnane F. V. Iza; Maria A. Mello	2009	atividade de movimento; educação infantil; teoria histórico-cultural
96	"El empacho em Cuba: aproximación histórica documental desde 1821 hasta 2009"	Roberto C. Navarro	2009	medicina popular-tradicional; enfermidades culturalmente delimitadas; empachos
97	"O tema jogo infantil no periódico Pro-Posições"	Flávia R. S. Pereira; Litza P. Santos; Karen S. Amorim; Lílian M. B. Pacheco	2009	Educação infantil; jogos; brincadeiras
98	"Contribuições da habilidade de atenção conjunta para a cognição social infantil"	Fabiola S. B. Aquino; Nádia M. Ribeiro	2009	Interação mãe-bebê; atenção conjunta; cognição social
99	"Direito de brincar: as (im)possibilidades no contexto de trabalho infantil produtivo"	Indira C. C. Oliveira; Rosângela Francischini	2009	infância; lúdico; trabalho infantil produtivo
100	"Identidad personal y profesional de los docentes de preescolar em el distrito de Santa Marta"	María D. M. Barrera; Iliana M. H. Linero; Ligia M. S. Castellón	2009	identidad docente; formación de docentes; Colombia; investigación pedagógica; formación
101	"Oportunidades perdidas para evitar la transmisión materno-infantil del virus de la inmunodeficiencia humana; Uruguay 2005-2007"	J. Quian; S. Gutiérrez; C. Zabala; V. González; E. Bernadá; S. Duimil; V. Galeano; B. Amorín; L. Apolo; M. Castro	2009	Transmisión transversal vertical; VIH, Uruguay
102	"Diseño e implantación de um programa electrónico de farmacovigilância com captura em línea em el Hospital Infantil de México Federico Gómez"	Jasso-Gutiérrez, Luis; Ovando-Hernández, José Rafael; Castellanos-Solís, Estela Carolina; Escorza-Peña, Juan; Santos-Preciado, José Ignacio	2009	Farmacovigilância; diseño; implementación; programa electrónico captura em línea
103	"Aversão sexual sob uma perspectiva freudiana"	Antonios Terzis; Gustavo P. Oliveira	2009	psicanálise; sexualidade infantil; aversão; desamparo

104	"Educação Física na Educação Infantil: uma realidade almejada"	Adriana G. Cavalaro; Verônica R. Muller	2009	Educação Física; Pedagogia; Educação Infantil
105	"'Delas é o Reino dos Céus': mídia evangélica infantil e o supermercado cultural religioso no Brasil (Anos 1950 a 2000)"	Karina K. Bellotti	2009	História cultural; mídia e religião; supermercado cultural
106	"Cultura, self e autonomia: bases para o protagonismo infantil"	Sergio F. S. Pires; Angela U. Branco	2008	Self; Autonomia; participação infantil; protagonismo infantil
107	"El trabajo infantil como práctica de crianza: contexto e uma plaza de mercado"	María E. P. Merchán; Myriam S. Henao	2008	Trabalho infantil; investigação qualitativa; família
108	"Descubriendo los hábitos alimenticios em la escuela multicultural a través de los debates infantiles"	Maria A. M. Godoy	2008	
109	"'Pequena Miss Sunshine': para além de uma subjetividade exterior"	Rosa M. B. Fischer	2008	Cinema; relações de gênero; corpo; sexualidade; infância
110	"Knowledge of prenatal health care among Costa Rican and Panamanian women"	W. H. Guilford; K. E. Downs; T.J. Royce	2008	Maternal health services; prenatal care; health knowledge; attitudes; practice; Costa Rica; Panamá
111	"Video Game Narratives: a 'Walk-Through' of children's popular culture and formal education"	R. M. Borda; P. Lacasa	2008	Video games; narratives; theatre; new literacy
112	"Traumatismo craneoencefálico en niños: mecanismos de la lesión primaria"	F.G. Hernández	2008	traumatismo craneoencefálico; mecanismos; lesión primaria; maltrato infantil
113	"Eficiência dos gastos municipais em saúde e educação: uma investigação através da análise envoltória no estado do Rio de Janeiro"	F. P. Faria; P. M. Jannuzzi; S. J. Silva	2008	eficiência; gastos públicos; indicadores sociais; DEA
114	"Impacto de una campaña escolar de prevención de riesgos"	Calero García, M. Dolores; Vives Montero, M. Carmen; García Martín, M. Belén; Soriano Serrano, Manuel; Calero García, Manuel; Berral García, Ester	2008	
115	"Movimentos sociais e experiência geracional: a vivência da infância no Movimentos dos Trabalhadores sem Terra"	L. O. Correia; M. A. G. C. Giovanetti; M. C. S. Gouvêa	2007	infância; movimento social; identidade; socialização
116	"Sexos, sexualidade e gêneros: mostruosidades no currículo da Educação Sexual"	Jimena Furlani	2007	Educação sexual; educação; gênero e sexualidade; currículo e formação de educadoras/res
117	"Poverty and the millenium development goals"	G. J. Ebrahim	2007	
118	"Modelos de educación coral infantil: entre lo formal y lo no formal"	G. I. Txakartegi	2007	Pedagogia Infantil; pedagogia artística; educación coral; coros infantiles; educación no formal
119	"Consuming children and making mothers: birthday parties, gifts and the persuit of sameness"	A. J. Clarke	2007	cultura material; maternidade contemporânea; festas de aniversários de criança, presentes
120	"Prevalência em crianças de fatores de risco para as doenças cardiovasculares"	S. R. Gama; M. S. Carvalho; C. R. M. M. Chaves	2007	hábitos alimentares; dislipidemias; obesidade; doenças cardiovasculares; criança
121	"Construcción de una escala para medir creencias legitimadoras de violencia em la población infantil"	S. Galdames; A. M. Arón	2007	creencias; legitimación; violencia

122	"Evaluación comparativa del desempeño de los sistemas estatales de salud usando cobertura efectiva"	Lozano, Rafael; Soliz, Patricia; Gakidou, Emmanuela; Abbott-Klafter, Jesse; Feehan, Dennis M; Vidal, Cecilia; Ortiz, Juan Pablo; Murray, Christopher JL	2007	cobertura efectiva; evaluación del desempeño; sistema de salud; México
123	"Alumnos 'prolijos, callados y aseados': o las formas em que el Estado prescribió el comportamiento infantil em la configuración de la escuela (1875-1905)"	V. Ginocchio	2006	
124	"Leitura e alfabetização no Brasil: uma busca para além da polarização"	C. Belintane	2006	Alfabetização; leitura; letramento; oralidade; métodos
125	"Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista"	N. L. N. Queiroz; D. A. Maciel; A. U. Branco	2006	Brincadeira; abordagem sociocultural; desenvolvimento infantil Educação Infantil
126	"Rol de la medicina popular a nivel rural: una experiencia em La Banda, Tafí del Valle"	A. I. F. Saldaño	2006	Medicina popular; religión; sistema de salud; trabajo conjunto
127	"Alimentación complementaria em los niños mayores de seis meses de edad: bases técnicas"	Flores-Huerta, Samuel; Martínez-Andrade, Gloria; Toussaint, Georgina; Adell-Gras, Amapola; Copto-García, Alfonso	2006	Alimentación complementaria; leche materna
128	"Planejamento familiar: a autonomia das mulhere sob questão"	A. M. Costa; D. Guilhem; L. D. Silver	2006	Serviços de planejamento familiar; saúde da mulher; anticoncepção
129	"Amamentação e o seio feminino: uma análise sob a ótica da sexualidade e dos direitos reprodutivos"	J. C. S. Monteiro; F. A. Gomes; A. M. S Nakano	2006	aleitamento materno; sexualidade; direitos da mulher
130	"Creencias y costumbres relacionadas com el embarazo, parto y puerperio em comunidades nativas Awajun y Wampis"	A. Medina I; J. Mayca	2006	
131	"Gênero e canção infantil"	A. M. F. Poncela	2006	gênero; canção infantil; discurso; mensagem; cultura popular
132	"Avaliação das campanhas pasa a eliminação da sífilis congênita, no município do Rio de Janeiro, a partir de um modelo teórico-lógico"	Saraceni, Valéria; Vellozo, Vitória Régia Osório; Leal, Maria do Carmo; Hartz, Zulmira Maria de Araújo	2005	Sífilis congênita; avaliação; promoção da saúde; efetividade; modelos teóricos
133	"Elementos básicos de salud infantil em mujeres cuidadoras de niños"	Hernández Hernández, José M.; Gutiérrez Aportela, María E.; Suárez Guerrero, Giselle; Bermúdez de León, Rebeca M	2004	Cuidadoras de niños; cultura sanitária; salud infantil
134	"Cultura infantil: a construção corporativa da infância"	Bernadete Mourão	2004	
135	"Situación nutricional de hierro, cobre y zinc em escolares de Tacopaya, Bolivia"	Gerardo Weisstaub, Sergio; Bustos, Mario; Olivares X., Mario; Castillo,	2004	

		Duran Carlos; Araya Q., Magdalena		
136	"Cultura midiática e educação infantil"	A. S. Moreira	2003	Mídia; educação; cultura midiática; infância; indústria cultural
137	"Trabalho infantil produtivo e desenvolvimento humano"	H. R. Campos; R. Francischini	2003	trabalho precoce; infância; adolescência
138	"Portadores assintomáticos de infecções por <i>Streptococcus pyogenes</i> em duas escolas públicas na cidade de Recife, Pernambuco"	Maciel, Amelia; Aca, Ivanize da Silva; Lopes, Ana Catarina de Souza; Malagueño, Elizabeth; Sekiguchi, Tsuneari; Andrade, Gildete Patriota de	2003	<i>Streptococcus pyogenes</i> ; school health; epidemiology; prevalence
139	"Ambiente, identidade e cultura: reflexões sobre comunidades Guarani/Kaiowá e Kadiwéu de Mato Grosso do Sul"	S. Grubits; ID. Harris	2003	Identidade; Guarani/Kaiowá; Kadiwéu; gênero; cultura
140	"A casa: cultura e sociedade na expressão do desenho infantil"	Sonia Grubits	2003	desenho da casa; cultura; sociedade
141	"Histórias de criança: as narrativas de crianças asmáticas no brincar"	C. M. T. Goulart; T. M. Sperb	2003	brincar; asma; narrativa
142	"Angústia e sociedade na obra de S. Freud"	G. A. R. M. Neto; V. C. V. Martínez	2002	teoria psicanalítica; psicanálise; angústia
143	"As estruturas da brincadeira e a regulação das relações"	F. A. R. Pontes; C. M. C. Magalhães	2002	Estrutura da brincadeira; jogos; interação entre crianças; transmissão cultural
144	"Cultura infantil: a construção corporativa da infância"	Maria C. Torres	2002	
145	"Brinquedos e materiais pedagógicos nas escolas infantis"	Tizuko M. Kishimoto	2001	Brinquedos; materiais pedagógicos; Educação infantil; cultura escolar
146	"Avaliação evolutiva da espirometria na fibrose cística"	E. F. Andrade; D. L. O. Fonseca; F. A. A. Silva; S. S. M. Barreto	2001	
147	"A pedagogia e a Educação Infantil"	Eloisa A. C. Rocha	2001	
148	"La psicología infantil em la actualidad"	Y. F. Arza	2000	
149	"Prevención del abuso sexual infantil"	S. M. Villar	2000	
150	"Uma reflexão acerca do diagnóstico de psicose infantil: uma abordagem psicanalítica"	C. A. M. Reis	2000	Diagnóstico; psicose infantil; distúrbios mentais; separação-individual; psicanálise; psiquiatria; sintomas
151	"Jogo, educação e cultura: senões e questões"	Marineide O. Gomes	2000	Educação Infantil; produção cultural infantil; cultura infantil
152	"A contribuição dos parques infantis de Mário de Andrade para a construção de uma pedagogia da Educação Infantil"	Ana Lúcia Goulart de Faria	1999	criança pequena; pré-escola; cultura infantil; direito à infância; educação
153	"A história de Alda: ensino, classe, raça e gênero"	Maria P. Carvalho	1999	Ensino fundamental; trabalho docente; relações de gênero; etnia

154	"Evolução do estado nutricional de menores de 5 anos em aldeias indígenas da Tribo Parakanã, na Amazônia Oriental Brasileira (1989-1991)	Sandro J. Martins; Raimundo C. Menezes	1994	índios Sul-Americanos; desnutrição protéico-calórica; epidemiologia; antropometria; métodos
-----	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------	------	---------------------------------------------------------------------------------------------